

REVISTA
Nº 46 **NOVOS RUMOS**

PRIMEIRA PARTE

□ SOCIALISMO E OS INTELLECTUAIS

ANTONIO ROBERTO BERTELLI

KARL KAUTSKY

LEON TROTSKY

MAX ADLER

NOTA EDITORIAL

A questão do socialismo e os intelectuais sempre esteve em evidência nos debates teóricos travados no seio do pensamento marxista ao longo de toda a sua história.¹ Em seu extraordinário estudo, *Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas*, Leonardo Paggi, em minha opinião, nos oferece uma das melhores análises sobre essa problemática no período do marxismo da Segunda Internacional. Ensaio paradigmático desse período, o artigo de Karl Kautsky, “A inteligência e a social-democracia” (1894-1895) e o pequeno livro de Max Adler, *O socialismo e os intelectuais* (1910), constituem matérias primordiais da análise de Paggi. Tanto é assim, que ele próprio incluiu os dois trabalhos na obra que organizou para a editora De Donato, de Bari, em 1974, sobre o tema socialismo e os intelectuais, na qual se baseou a edição em espanhol, a cargo de José Aricó, sob o mesmo título, *El socialismo y los intelectuales*,² de onde traduzimos esse conjunto de trabalhos.

Aqui, em *Novos Rumos*, já publicamos o formidável ensaio de Leonardo Paggi.³ Agora, surge a oportunidade de o leitor brasileiro conhecer os dois emblemáticos ensaios — de Kautsky e de Adler —, ao mesmo tempo que se agregará a este “Encarte” um interessante trabalho de Trótski, “A intelectualidade e o socialismo” (1910), em que a importante questão dos intelectuais e o socialismo é analisada e, paralelamente, é feita uma crítica ao trabalho de Max Adler. Dessa forma, o trabalho de Trótski se enquadra perfeitamente, ainda, no marxismo da época da Segunda Internacional.

O ensaio de Kautsky, publicado na prestigiosa revista da socialdemocracia alemã, *Die Neue Zeit* (1894-1895), consubstancia a posição do mais respeitado pensador do marxismo da Segunda Internacional a respeito da questão, fixando, de fato, a própria

¹ Ver, por exemplo, entre outros, Michael Löwy, *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)* (São Paulo: Lech, 1979); Giuseppe Vacca, *Il marxismo e gli intellettuali* (Roma: Editori Riuniti, 1985).

² Cf. Max Adler, *El socialismo y los intelectuales* (Madri/México: Siglo Veintiuno Editores, 1980). O livro inclui, ainda, outros trabalhos de Max Adler a respeito da problemática dos intelectuais e da cultura de forma geral.

³ Ver Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nºs 37 e 38, São Paulo, Instituto Astrojildo Pereira/Instituto de Projetos e Pesquisas Sociais e Tecnológicas, 2002, “Encarte”; originalmente, “Intellettuali, teoria e partito nel marxismo della Seconda Internazionale: aspetti e problemi”, em *Il socialismo e gli intellettuali* (Bari: De Donato, 1974).

posição do SPD-Sozialdemokratische Partei Deutschlands sobre o assunto.⁴ A respeito do trabalho de Kautsky, Paggi diz, numa passagem:

O ensaio de Kautsky [...] resume de maneira exemplar todo um enfoque que é comum à revista enquanto tal. Falando da *Intelligenz* como de um novo tipo de classe média, ele resolvia de maneira provisória, com uma consideração exclusivamente sociológica, toda a variedade de temas que se relacionavam com a questão dos intelectuais. A possibilidade de se conquistá-los para a causa do socialismo era confiada aos instrumentos normais de propaganda socialdemocrata: “[...] fazer-lhes compreender a justificação histórica do objetivo final do proletariado e a necessidade de sua vitória”. Aqui já encontramos explícita a tendência kautskiana de converter a teoria que ilustra a inevitabilidade do socialismo no instrumento com o qual se resolve uma série diversa de problemas de curto e médio prazos e, desse modo, para substituir o conhecimento de determinados processos sociais pelas armas da ideologia de um partido que apresenta sempre o mesmo aspecto diante da multiplicidade de exigências que surgem de uma sociedade extremamente diferenciada. Porém, coloca-se também, em primeiro lugar, a divisão entre a consideração sociológica do intelectual e a visão do intelectual como porta-voz da ciência e da ideologia.⁵

Essa questão seria, pois, uma das mais candentes nas discussões que viriam a se travar no interior do SPD e nos demais partidos filiados à Segunda Internacional, e acabariam por rebater no Bernstein-Debate,⁶ ponto que, também, mereceu, ao correr do ensaio, uma análise acurada de Paggi.

Quanto ao texto de Max Adler, que reflete uma posição totalmente diferenciada da questão dos intelectuais e do socialismo daquela de Kautsky e da socialdemocracia alemã, e que pode ser, da mesma forma, identificada como sendo própria da socialdemocracia austríaca, já hegemônica pelo pensamento austromarxista,⁷ também está analisado no ensaio de Paggi nos três últimos itens de seu trabalho.

⁴ Como se diz, e o próprio título assim o mostra, o ensaio de Paggi é inteiramente dedicado ao estudo da questão dos intelectuais, partido e marxismo na época da Segunda Internacional. Todavia, mais especialmente sobre essas questões no interior do SPD e do SPÖ-Sozialdemokratische Partei Österreichs, ver os itens ‘3. Socialismo e movimento operário’, (pp. 17-21), ‘4. Os intelectuais e o partido’ (pp. 21-36), em “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 37, cit.

⁵ Ver Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 37, cit., p. 11. Interessante ver, também, as anotações de Giuseppe Vacca, “La concezione degli intellettuali fra teoria della proletarianizzazione ed *Endziel*. Kautsky e il kautskismo”, em *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., pp. 6-10.

⁶ Analisei mais cuidadosamente o Bernstein-Debate em Antonio Roberto Bertelli, *Marxismo e transformações capitalistas: do Bernstein-Debate à República de Weimar 1899-1933* (São Paulo: IAP/Ipso, 2000), especialmente em “Crise do marxismo e transformações capitalistas” (pp. 21-174) e “Reflexões sobre a socialdemocracia: Alemanha e Áustria” (pp. 175-274). Evidentemente que existe uma ampla bibliografia que pode ser consultada a respeito do Bernstein-Debate. Entre as de mais fácil acesso, o ensaio de Paggi aqui tão mencionado é uma das mais ricas. Um texto fundamental, que trata especificamente de uma das questões mais discutidas durante o Bernstein-Debate, a questão agrária, entre outras mais, é de Giuliano Procacci, “Introdução à questão agrária de Karl Kautsky”, em *Karl Kautsky e o marxismo* (Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988), pp. 77-156. Mas pode-se consultar, ainda, por exemplo, as três obras mais representativas dos grandes protagonistas do Bernstein-Debate: Eduard Bernstein, *Las premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia* (México/Madri: Siglo Veintiuno Editores, 1982); Karl Kautsky, *La doctrina socialista: Bernstein y la socialdemocracia alemana* (Barcelona: Editorial Fontamara, 1975); e Rosa Luxemburgo, *Reforma social ou revolução?* (São Paulo: Global, 1986).

⁷ Sobre o austromarxismo, ver Antonio Roberto Bertelli, “A singularidade do austromarxismo”, em *Marxismo e transformações capitalistas: do Bernstein-Debate à República de Weimar 1899-1933*, cit., pp. 274-344; Giacomo Marramao, *Austromarxismo e socialismo di sinistra fra le due guerre* (2ª edição, Milão: La Pietra, 1980); “Entre bolchevismo e socialdemocracia: Otto Bauer e a cultura do austromarxismo”, em Eric J. Hobsbawm (org.),

De qualquer forma, nesses dois ensaios emblemáticos estão representadas as análises das duas importantes tendências do marxismo da época da Segunda Internacional, nas quais a questão intelectual e socialismo é enfocada de formas diferentes.

Mas o ensaio de Paggi⁸ mostra, ainda, a posição de Lênin, que embora partindo da postura kautskiana, superando-a em muitos sentidos, rejeita por sua vez aquela que surgirá do coração da grande cultura vienense do austromarxismo, constituindo-se, já nessa época, pois, uma posição totalmente autônoma no marxismo da época da Segunda Internacional.⁹

Assim, Paggi afirmará:

A reflexão sobre os intelectuais em termos que giram preliminarmente em torno da colocação sociológica de Kautsky é, pois, a forma que marca os que talvez possam ser considerados como os dois pontos mais elevados do marxismo teórico da Segunda Internacional. Contudo, a elaboração leniniana do marxismo como ciência política do proletariado não só não se encontrará jamais, mas de certo modo se oporá tenazmente às tentativas realizadas no coração da grande cultura vienense da primeira década do século para levar o marxismo a um confronto com a filosofia contemporânea que seja capaz de ir além da ingênua oposição entre materialismo e idealismo. A hegemonia que o SPD mantém no movimento operário internacional até a Primeira Guerra Mundial pode ser medida, de certo modo, por sua capacidade de continuar sendo um ponto de referência imprescindível para as mais diversas tentativas de desenvolvimento do marxismo que, não obstante, se dão e de alguma maneira chegam a um feliz termo no período da Segunda Internacional. Se existe uma possibilidade de se falar de kautskismo como a forma adotada por excelência pelo marxismo nessa fase da história do movimento operário, não deve ser encontrada numa inexistente homogeneidade teórica, mas na capacidade de se manter isolados e sem contatos os diferentes processos inovadores que se dão nas distintas províncias do império ideológico que Kautsky construíra e encarnara na *Die Neue Zeit*.¹⁰

E, a respeito da generosa visão adleriana, surgida no seio da “prestigiosa cultura vienense nas derradeiras décadas do século XIX e na primeira década do século XX”, poderá dizer:

O lúcido conhecimento teórico de que em torno do problema dos intelectuais iam-se combinando questões de importância estratégica e de significado momentâneo para o destino do socialismo na Europa, se modifica com o propósito típico de toda a tradição socialdemocrata de alcançar uma elevação cultural das massas que devia ser ao mesmo tempo uma garantia de idealismo político revolucionário. Essa contradição que acompanhará Adler em todo seu percurso teórico e político encontrará talvez sua expressão mais trágica no último trabalho sobre o

História do marxismo 5. O marxismo na época da Terceira Internacional. A Revolução de Outubro. O austromarxismo (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985), pp. 277-343; Perez Mehrev, “Socialdemocracia e austromarxismo”, em Eric J. Hobsbawm (org.), *História do marxismo 5. O marxismo na época da Terceira Internacional. A Revolução de Outubro. O austromarxismo*, cit., pp. 251-276.

⁸ Cf. Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 38, cit. pp. 54-71; ver, ainda, Giuseppe Vacca, “4. I limiti scientifici e finalistici della elaborazione di Adler”, em *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., pp. 13-25.

⁹ Leonardo Paggi apresenta uma lúcida e instigante análise da diferenciação leniniana no que se refere a essa problemática: ver especialmente ‘5. Intelectuais e partido: *Endziel* e formação econômico-social’, em “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 38, cit., pp. 43-53. Ver, ainda, Giuseppe Vacca, “Il concetto leniniano di formazione econômico-sociale”, em *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., pp. 10-12.

¹⁰ Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 38, cit., p. 71.

Linksozialismus, editado no outono de 1933, às vésperas da última grande batalha travada pela classe operária austríaca nas ruas de Viena e até dentro dos pátios do Karl Marx-Hof.¹¹

Dessa forma, como sugere Paggi na sua análise, a questão dos intelectuais é vista nessas posições de maneiras totalmente diferentes: para Kautsky, no ensaio citado, revela-se a postura catastrofista do colapso do capitalismo, agregada ao fim último do socialismo (*Endziel*), levando a que se tenha assim uma visão *economicista* da inteligência, que somente arruinada com o colapso do capitalismo se aproximará do proletariado que está fadado a derrubar o capitalismo e a implantar o socialismo.

Para Lênin, que aceitara em parte da teoria do Kautsky, sobretudo a idéia de que a consciência revolucionária é trazida de fora para o proletariado, surgida da evolução do próprio pensamento de Kautsky experimentado nos anos subseqüentes à redação do ensaio de 1895, manifestada sobretudo nos trabalhos de 1901 sobre as *tradeunions* e o socialismo, o que se trata é de uma opção *política*. Assim, pode-se verificar essa rica e instigante posição nas análises que estão configuradas nas obras que marcam o célebre debate com os “marxistas legais” e com o “romanticismo econômico”, e, mais tarde, no próprio *O que fazer?*.¹²

Há muito que se disse que sem teoria revolucionária não pode existir movimento revolucionário, e não creio que no momento atual seja necessário provar tal verdade. Qualificar de “particulares” esses grandes problemas revolucionários — teoria da luta de classes, concepção materialista da história política da Rússia, reconhecimento da necessidade de reduzir a luta revolucionária a determinados interesses de uma classe determinada, analisando suas relações com as outras classes — é a tal ponto colossalmente falso e inesperado num veterano da teoria revolucionária que quase nos inclinamos a considerar essa passagem como um simples lapso. E a respeito da primeira metade de parágrafo que citamos, sua falta de razão é ainda mais assombrosa. Declarar em letras de fôrma que os socialdemocratas russos só agrupam as forças operárias para lutar contra o capital (isto é, só para a luta econômica!), sem procurar reunir os indivíduos e os grupos revolucionários para lutar contra o absolutismo, significa que não se conhecem ou não se quer conhecer os fatos universalmente notórios da atividade dos socialdemocratas russos.¹³

É importante salientar com mais força essa genial *superação* de Lênin à teoria catastrofista e finalista de Kautsky, reafirmando, mais uma vez, a sua excepcionalidade como pensador no interior do marxismo da Segunda Internacional. Paggi transcreve um trecho emblemático do “Quem são os amigos do povo?” que mostra essa visão diferenciada de Lênin:

O movimento operário socialdemocrata, que mostrou a todos de modo evidente o papel revolucionário e a doutrina do socialismo científico, formou-se definitivamente quando se estendeu com maior amplitude à grande indústria e surgiu uma plêiade de homens de talento e energia que difundiram esta doutrina entre os operários. Apresentando os fatos históricos sob uma falsa ética, esquecendo o gigantesco trabalho investido pelos socialistas na obra de infundir consciência e organização ao movimento operário, nossos filósofos, em cima disso, atribuem a Marx as mais absurdas concepções fatalistas. Segundo esses filósofos, de acordo com a concepção

¹¹ *Ibidem*.

¹² Reafirmo, aqui, como ilustrativa e rica introdução à essa problemática, o item da análise de Leonardo Paggi, ‘5. Intelectuais e partido: *Endziel* e formação econômico-social’, citado.

¹³ Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 38, cit., p. 50. A citação é do artigo “As tarefas da socialdemocracia russa”, de 1897.

de Marx, a organização e a socialização dos operários acontecem por si mesmas e, conseqüentemente, segundo eles, se vendo o capitalismo não vemos o movimento operário, é porque o capitalismo não cumpre sua missão e não porque trabalhemos ainda fracamente no terreno desta organização e propaganda entre os operários.¹⁴

E Paggi arremata a argumentação com a lapidar afirmação a respeito da superação leniniana em relação à posição kautiskiana:

Aqui está colocada com grande clareza uma equação essencial para a compreensão do *Que fazer?* Combater o fatalismo, as teorias catastrofistas, as filosofias da história, tal como se afirmam baseadas necessariamente numa concepção simplista e linear do desenvolvimento capitalista, significa combater também toda forma de espontaneísmo teórico.¹⁵

A terceira posição, que podemos chamar de *filosófica*, é representada pela análise de Max Adler em seu pequeno livro *O socialismo e os intelectuais*. Sua posição é diametralmente oposta àquela defendida pelo maior teórico do marxismo da Segunda Internacional. Se para Kautsky somente a ruína econômica levaria a inteligência para o campo do socialismo, para Adler trata-se de algo totalmente contrário: a intelectualidade se tornará favorável ao socialismo pela tomada de consciência que a sua própria atividade científica lhe proporcionará, ao verificar que somente uma outra sociedade poderá lhe prover dos meios necessários para desempenhar suas tarefas como cientista, artista ou professor, já que na sociedade capitalista as condições para isso jamais serão conseguidas. Aqui, certamente, essa posição, dotada de um profundo sentido humanista, até mesmo com uma forte dose de romantismo – o que se verá na crítica feita por Trótski —, se deve muito ao meio em que vivia e militava Max Adler e também às singularidades do austromarxismo, ao qual ele estava vinculado e era um dos principais pensadores.

Seu principal dirigente e um de seus mais argutos teóricos, Otto Bauer, assim se referiu ao austromarxismo:

Com a denominação “austromarxistas” se designava então [antes da guerra] um grupo de jovens companheiros austríacos empenhados na atividade científica: Max Adler, Karl Renner, Rudolf Hilferding, Gustav Eckstein, Otto Bauer, Friedrich Adler eram, entre eles, os mais notáveis. O que os unia não era um interesse político particular, mas a peculiar natureza de seu trabalho científico. Tinham todos crescido numa época em que homens como Stammler, Windelband e Ricker combatiam o marxismo com argumentos filosóficos; assim, esses companheiros sentiram a necessidade de se confrontarem com as modernas correntes filosóficas. Se Marx e Engels haviam partido de Hegel e os marxistas sucessivos do materialismo, os mais jovens “austromarxistas” tomaram como ponto de partida em parte Kant, em parte Mach. Por sua vez, nos ambientes universitários austríacos eles deviam se confrontar com a assim chamada escola austríaca de economia política; e esse confronto influenciou também o método e a estrutura de seu pensamento. Finalmente, na velha Áustria sacudida pelos conflitos de nacionalidades, tinham todos que aprender a aplicar a concepção marxista da história a fenômenos complexos que não toleravam um uso superficial e esquemático do método de Marx. Formou-se assim no âmbito da escola marxiana uma comunidade espiritual [*Geistesgemeinschaft*] à qual, para distingui-la, de um lado, da precedente geração marxista — representada sobretudo por Kautsky, Mehring e Cunow —, e, do outro, das coetâneas escolas

¹⁴ Apud Leonardo Paggi, “Intelectuais, teoria e partido no marxismo da Segunda Internacional: aspectos e problemas”, em *Novos Rumos*, nº 38, cit. p. 49.

¹⁵ *Ibidem*.

marxistas dos outros países, em especial da russa e da holandesa, ambas desenvolvidas sobre influências culturais substancialmente diferentes, foi dado o nome de austromarxismo.¹⁶

Aqui já está contida a explicitação da profunda diferença entre os intelectuais, como Kautsky, por exemplo, que embora fosse austríaco, fez toda a sua vida de militância no seio do SPD alemão. Aí, o intelectual não vinha das camadas universitárias ou mesmo dos meios científicos, mas geralmente do meio operário ou das camadas médias, como Kautsky, Bernstein, Mehring e Cunow, para falar apenas dos mais representativos. Essa era uma característica da Alemanha guilhermina que só foi minorada com a queda do império e a instalação da república, a partir de 1918. Todavia, na Áustria era diferente. É claro que a socialdemocracia austríaca se desenvolveu de forma ainda dependente da alemã mesmo com a formação do império austro-húngaro (1867) devida à ruptura com o império alemão, após a guerra austro-prussiana de 1866:

Toda a primeira fase de desenvolvimento da socialdemocracia austríaca se desenrola substancialmente na observação da doutrina kautskiana e também no leito da corrente majoritária do marxismo da Segunda Internacional: as variantes e as correções introduzidas nesse período (que chega ao primeiro decênio do século) são de recorrer à sabedoria pragmática com que Victor Adler orquestrava a organizada estrutura do partido.¹⁷

Mas a unificação da socialdemocracia do império austro-húngaro só se deu de fato em 1899, com o Congresso de Brno, e se fortaleceu com as eleições de 1907, quando, juntamente com os social-cristãos, o SPÖ obteve uma grande vitória eleitoral. Essa vitória, que de certa forma consolida um grande movimento político, sobretudo em torno das lutas pelos direitos das nacionalidades abarcadas pelo império austro-húngaro, lutas que na Áustria fizeram com que grande parte da intelectualidade se aproximasse da socialdemocracia, que era a alma delas, permitiu, dessa forma, que muitos intelectuais, artistas, professores e profissionais liberais acabassem por aderir ao partido.

Em seu notável ensaio Marramao assim descreve esse ponto:

A respeito dessa tradição, o austromarxismo se constituiu como um lugar de coordenação de uma política cultural e de um estilo de trabalho novos, em torno do qual se abrigam intelectuais de várias orientações. Ele começa a existir então como tendência relativamente autônoma no interior do movimento operário austríaco quando funda associações e órgãos de imprensa próprios. Em 1903, é constituído o Zukunft-Verein, que instituirá no ano seguinte uma importante escola operária. Em 1904, tem início a publicação dos *Marx-Studien*, volumes com periodicidade irregular, dirigidos por Max Adler e Rudolf Hilferding, nos quais vêm à luz trabalhos de fundamental importância para o marxismo teórico, como, por exemplo, *A função social das instituições jurídicas*, de Karl Renner, e *Causalidade e teleologia na disputa pela ciência*, de Max Adler (vol. I, 1904); *O problema das nacionalidades e a socialdemocracia*, de Otto Bauer (vol. II, 1907); *O capital financeiro*, de Rudolf Hilferding (vol. III, 1910); *A concepção marxista do Estado*, de Max Adler (vol. IV/2, 1922). Em outubro de 1907 (ano em que, após a introdução do sufrágio universal, o Partido Social-Democrata e o Partido Cristão-Social obtêm um enorme sucesso eleitoral que os qualifica como as duas grandes realidades de massa do país), inicia-se a publicação da revista teórica *Der Kampf* (A Luta), fundada por Otto Bauer juntamente com Karl Renner e Adolf Braun. A fundação dessa revista decorre da exigência de se dar voz aos pontos de vista originais que a "jovem escola marxiana de Viena"

¹⁶ [Otto Bauer] "Austromarxismus", em *Arbeiter-Zeitung*, nº 3, novembro de 1927, p. 1, apud Giacomo Marramao, "Saggio introduttivo", em *Austromarxismo e socialismo di sinistra fra le due guerre*, cit., pp. 11-12.

¹⁷ Giacomo Marramao, "Saggio introduttivo", em *Austromarxismo e socialismo di sinistra fra le due guerre*, cit., p. 13.

havia introduzido nos debates da socialdemocracia austríaca; o que já implicava uma (mesmo que por tática) dissociação da política cultural perseguida por Kautsky com a *Die Neue Zeit*, revista da qual os social-democratas austríacos haviam se servido até então. A *Geistesgemeinschaft* austromarxista pôde, de tal modo, desenvolver, servindo-se de um veículo autônomo, um confronto de altíssimo nível com aquela cultura da “grande Viena” que representa um fato de absoluta excepcionalidade na história do nosso século. Uma cultura expressa no campo do direito pela teoria de Hans Kelsen (com o qual, não por acaso, Bauer e Adler tiveram discussões cruciais nos anos vinte); no campo da economia por aquela *Wiener Schule* de Carl Menger, Böhm-Bawerk e Wieser, que na “disputa sobre o método” tinha “desbaratado” a *Historische Schule* alemã; no campo lógico-científico por Ludwig Wittgenstein (que estabeleceu uma ponte entre a cultura vienense e o mundo anglo-saxão) e pelo *Wiener Kreis* de Carnap, Hahn, Neurath e Schlick, que era alimentado pela teoria de Mach (um autor que representou um dos mais importantes pontos de referência do austromarxismo); no campo literário por Hofmannsthal, Kraus, Musil, Roth, Zweig, Schnitzler, Altenberg, etc.; no campo da pintura por Klimt, Kokoschka, Schiele; no campo da música por Mahler, Schönberg e Richard Strauss; no campo da arquitetura por Hoffmann, Loos, Wagner, etc.; e, finalmente, no campo da psicanálise, por seu fundador, Sigmund Freud (de quem Bauer era amigo pessoal e admirador).¹⁸

Dessa forma, criou no seio do SPÖ uma tendência que, totalmente formada por intelectuais, passaria a ter enorme influência no partido e acabaria, finalmente, com a morte de Victor Adler, em 1918, o seu grande líder histórico, por ter um dos seus membros, Otto Bauer, guindado à direção máxima do partido. Essa mudança, evidentemente, transformou o caráter e as ações do partido; o que, juntamente com a queda do império e a proclamação da república, levou o partido ao poder, na primeira fase da república, juntamente com os social-cristãos, inaugurando uma rica experiência de ação política por parte da socialdemocracia austríaca que só seria interrompida bruscamente com a ascensão do fascismo e a emblemática derrota de fevereiro de 1934:

A insurreição operária fracassou em fevereiro de 1934, depois que Döllfuss desmantelou todo o sistema de defesa do movimento: em 31 de março houve de fato a dissolução da *Schutzbund*; em 26 de maio a decretação da ilegalidade do Partido Comunista (seguida da criação de campos de concentração para presos políticos); em 1º de janeiro a destituição das direções eleitas das câmaras sindicais; em 23 de janeiro a interdição da venda da *Arbeiter-Zeitung*. A heróica resistência operária contra o exército, conduzida até a extrema defesa das “fortalezas vermelhas” vienenses era — e se demonstrou de fato — desesperada. Foi o último ato de um movimento e de um partido que, incapazes de realizarem uma ligação entre reforma e revolução, haviam oscilado ora para um lado, ora para o outro, tornando-se assim alvos das críticas cruzadas da socialdemocracia alemã e da Terceira Internacional.¹⁹

Entretanto, a *Geistesgemeinschaft* austromarxista, exatamente por suas características tão bem apontadas por seu dirigente máximo, Otto Bauer, influiria acentuadamente para que Max Adler, filósofo e professor universitário, defendesse as posições de seu ensaio sobre os intelectuais e o socialismo — que nada mais é do que o texto de uma conferência feita por ele em 1910, para comemorar o aniversário de uma entidade estudantil —, tão diferenciadas de Kautsky, como já mencionamos. Entretanto, essa não era uma posição apenas de Adler; era de toda a *Geistesgemeinschaft* austromarxista, como, por exemplo, o próprio Bauer, como se pode ver no texto seguinte:

¹⁸ *Ibid.*, pp. 13-14.

¹⁹ *Ibid.*, p. 97.

[...] enquanto para Kautsky era “inevitável” que a classe operária desenvolvesse a própria organização sindical e política “em qualquer parte [...] houvesse ou não uma ideologia socialista”, para Bauer isso não podia acontecer sem a intervenção da consciência teórica, daquela “ciência organizada” que *a classe capitalista já dispunha* e que podia ser dada à classe operária somente pelo *partido*. Sobre esse ângulo, os austromarxistas colocaram a relação entre socialismo e intelectuais superando a visão economicista que tendia a resolvê-la numa análise da proletarianização da camada intelectual, partindo da *especificidade do papel social do intelectual como “portador de ciência”*.

E, ainda, em nota à mesma página: “Sobre isso é esclarecedor o confronto entre o ensaio de Kautsky de 1895, ‘A inteligência e a socialdemocracia’, e o opúsculo de Max Adler *Der Sozialismus und die Intellektuellen* (Viena, 1910)”.²⁰

Todavia, historicamente, nem a generosa, mas romântica, posição de Adler sobre a capacidade da intelectualidade de perceber no socialismo a única possibilidade de se realizar como camada social e, com isso, realizar sua ciência ou arte, aderindo então ao socialismo como movimento, nem muito menos a pobre e estreita visão “sociológica” e economicista de Kautsky, que praticamente elimina a autonomia do pensamento (como tal da ciência e da arte), reduzindo-o a um epifenômeno da classe operária e do socialismo, puderam fornecer ao marxismo uma correta análise da relação entre intelectual e socialismo. Essa análise foi propiciada sem dúvida pela singular e especial posição de Lênin, salientada atrás, já nos seus textos de juventude, que acabou por ser adotada pelo pensamento marxista mesmo por setores divergentes do marxismo da Segunda Internacional²¹ e até mesmo no marxismo da Terceira Internacional.

Assim, o próprio pensamento austromarxista acabou por agregar à sua análise dos intelectuais as correções sugeridas pelo pensamento leniniano, como se pode depreender por aquilo que Marramao nos informa a respeito da própria posição de Bauer, de um ano antes da publicação do pequeno livro de Adler:

A atenção nesse aspecto se explica, porém, em toda a sua amplitude política somente se se tem presente a colocação do artigo de Bauer: a função eminentemente política dos intelectuais na luta de classes (que está unificada à função qualitativa e não propagandística da teoria) é devida ao fato que o desenvolvimento capitalista está superando o automatismo da fase concorrencial e vem introduzindo no processo econômico um elemento de *consciência* e de *organização* que lhe faz dar um salto de qualidade a respeito do “liberalismo de Manchester”. O movimento operário, sem cuja força de massa organizada não se explica essa “complicação inaudita” do desenvolvimento histórico, deve tomar consciência dessa ruptura. Não se pode mais esperar — e é esse o nível de realidade refletido no “revisonismo” de Bernstein que a “ortodoxia” de Kautsky é incapaz de compreender — que o desenvolvimento capitalista faça amadurecer espontaneamente a consciência socialista na classe operária. O exemplo dos Estados Unidos,

²⁰ *Ibid.*, p. 47.

²¹ Como se sabe, a socialdemocracia austríaca se colocou violentamente contra o vergonhoso apoio do SPD aos esforços de guerra de governo do Kaiser alemão (com a exceção do apoio de Karl Renner à política de guerra) e, em consequência, do apoio de todos os partidos agregados na Segunda Internacional aos seus governos na guerra. De 1914 a 1921 lutou contra a política da Segunda Internacional dominada pelo SPD, até que, em 1921, fundou-se a União dos Partidos Socialistas para a Ação Internacional, que passou a ser conhecida pejorativamente pelo irônico apelido de “Internacional 2 1/2”, dado por Karl Radek. A partir daquele momento, a socialdemocracia austríaca se colocou frontalmente contra a política da Segunda Internacional; ver, para uma análise desse tema, Giacomo Marramao, “Saggio introduttivo”, cit., especialmente “2. La guerra e la svolta internazionalista della socialdemocrazia austriaca” (pp. 19-24) e “8. L’Internazionale due e mezzo e il dibattito sul fronte unico: tra bolscevismo e socialdemocrazia” (pp. 58-68).

introduzido exatamente nesses anos no debate sobre a crise do marxismo por um célebre ensaio de Werner Sombart, era mais do que suficiente e demonstrava o contrário; e os decênios sucessivos colocaram às claras como, nos países de mais alto desenvolvimento capitalista, a consciência socialista não surgia espontaneamente nem mesmo nos momentos mais agudos de crise da economia, e como a passagem do ódio social à organização de massa consciente era impossível sem a mediação da “inteligência científica”. A tarefa da socialdemocracia não podia, pois, mais ser somente, como dizia Kautsky, a de “coordenar todas as diferentes reações do proletariado contra sua exploração”. Devia ser, ao contrário, a de criar na classe operária uma consciência da complexidade das relações sociais e institucionais nas quais estava inserida a nova interdependência entre economia e política.²²

Aspectos perfeitamente identificados em Lênin e apontados por Paggi, como já nos referimos, ao salientar as restrições que Lênin fez à posição de Kautsky já no final dos anos 1890, em seus ensaios de juventude.

No livro citado anteriormente, Giuseppe Vacca procura mostrar que a questão dos intelectuais, do marxismo e do socialismo pode ser analisada a partir de duas linhas opostas e conflitantes: uma que vai de Kautsky a Lukács e outra que vai de Labriola a Gramsci. Para Vacca, a primeira foi aquela que, historicamente, acabou sendo imposta ao pensamento marxista, e a segunda demanda reflexões mais atuais.

Mas o interessante na análise de Vacca é que, diferentemente de Paggi, ele estabelece uma identificação entre a análise de Kautsky e a de Adler, de forma que, para ele, apesar de algumas sutilezas, ambas são da mesma orientação. E, por isso, a conotação estabelecida entre Kautsky e Lukács parte da identificação de uma linha de análise que começa em Kautsky, quando identifica a célebre passagem do *Manifesto* a respeito da intelectualidade e o socialismo, mas que é adotada, segundo Vacca, também por Adler.²³ Seria bom rememorar a passagem de Kautsky:

Neste caso não se trata da questão de se a socialdemocracia deve considerar a presença dos membros da inteligência em suas próprias fileiras. Trata-se de uma questão já esclarecida pelo *Manifesto* e pelo próprio fato de que os fundadores da socialdemocracia, Marx, Engels e Lassale, pertenciam à inteligência. Para a socialdemocracia é bem-vindo qualquer um que aceite seus princípios e colabore em sua luta de emancipação, qualquer que seja a classe de onde provenha. A concepção de que a causa dos trabalhadores assalariados só pode ser representada pelos trabalhadores assalariados é característica dos setores mais atrasados do proletariado, encerrados ainda num ponto de vista corporativo. É uma opinião que não advém dos bárbaros socialdemocratas, mas dos seguidores da observação estrita da escola liberal, dos tradeunionistas ingleses. No setor revolucionário do proletariado, essa concepção esteve personificada, de maneira totalmente ocasional, por alguns descontentes com a socialdemocracia; e o singular é que em geral vieram precisamente da inteligência os que de vez em quando sentiram a necessidade de apelar para as “mãos calejadas do proletariado”, desde Hasselmann até os “independentes” mais recentes. Contudo, atualmente, tudo isso está fora de discussão.²⁴

A passagem do *Manifesto* a que Kautsky se refere é a seguinte:

²² Cf. Otto Bauer, “Der Weg zur Macht”, cit., p. 342, *apud* Giacomo Marramao, “Saggio introduttivo”, cit., p. 47. O ensaio de Bauer é de 1909.

²³ Cf. Giuseppe Vacca, *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., p. 23, especialmente nota 39.

²⁴ Cf. Karl Kautsky, “La inteligencia y la socialdemocracia”, em Max Adler, *El socialismo y los intelectuales*, cit., pp. 257-258.

[...] Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza passou para a burguesia, em nossos dias uma parte da burguesia passa-se para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à *compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto*.²⁵

Em Adler, essa aceitação, na opinião de Vacca, é mostrada com a citação de uma passagem do texto de Adler:²⁶

Não outra coisa que aquela fenomenal dialética do mecanismo histórico que destinou ao proletariado, isto é, à camada mais baixa da sociedade, o papel de pioneiro do progresso social é que obriga simultaneamente os trabalhadores intelectuais, que se encontram no cume da cultura burguesa, a integrar-se à luta emancipatória do proletariado – prévio conhecimento das condições de sua própria *evolução social* – para não ficar na rabeira do progresso cultural. Também aqui obra uma férrea necessidade histórica que emerge paulatinamente da cegueira para se transformar em verdade evidente, o que Karl Marx já escreveu em seu *Manifesto comunista*, sinal que anunciava um tempo novo [...]²⁷

Esgrimindo argumentos semelhantes, Vacca continua sua tese e finaliza, então, transcrevendo²⁸ mais uma passagem de Adler:

[...] porque quando se trata com o socialismo e com a socialdemocracia, que é sua manifestação política, não se há que relacioná-los com um movimento em primeiro termo político, *mas com um movimento antes de tudo cultural*, como foi, por exemplo, o cristianismo; com um movimento, pois, *que tem uma dimensão política somente em segundo plano, mas que fora dela é muitas outras coisas*: uma reconstrução do povo que se excuta mediante o sindicato, a cooperativa, a cultura, e também uma organização política, mas que se entende como um mero meio para alcançar tudo aquilo. [...] Contudo, tal atitude não é lícita diante do socialismo e da socialdemocracia, sua representação política, porque simplesmente não se dá essa convergência quanto ao mundo das idéias políticas. No caso do socialismo nos deparamos *com uma concepção do Estado e da sociedade essencialmente distinta à da burguesia*, que rompeu radicalmente com o velho mundo de concepções políticas e que quer romper de um modo igualmente radical com o atual poder político e econômico. Por isso também ali onde o socialismo aparece exteriormente como um partido político junto e contra os velhos partidos burgueses se diferencia essencialmente deles, em virtude desse particular conteúdo ideal e moral de sua ideologia que transforma o modo de pensar de seus adeptos; em poucas palavras: em virtude de toda a sua estrutura intelectual. Isto é sentido até por seu membro mais humilde por meio da singular sensação de que sua filiação ao partido significa mais do que o simples pertencer a alguma organização política, o início de uma nova forma de consciência de si e de sua classe, de uma nova vida a serviço da missão histórica dessa classe, da refundação espiritual e material da sociedade humana [...]²⁹

Finalizando, Vacca afirma: “Tudo isso é Kautsky e alguma coisa mais, mas no mesmo terreno”.³⁰

²⁵ Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifesto do partido comunista* (5ª edição. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, s/d.), p. 34.

²⁶ Cf. Giuseppe Vacca, *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., pp. 22-23.

²⁷ Max Adler, “El socialismo y los intelectuales”, cit., pp. 122-123. Em seguida, Adler cita a mesma passagem que acima mencionamos do *Manifesto*.

²⁸ Cf. Giuseppe Vacca, *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., p. 24.

²⁹ Max Adler, “El socialismo y los intelectuales”, cit., pp. 148-149.

³⁰ Cf. Giuseppe Vacca, *Il marxismo e gli intellettuali*, cit., p. 24.

Em seu estudo sobre “a evolução política de Lukács”, Michael Löwy vê com certo cuidado a aceitação literal dessa passagem do *Manifesto*, colocando algumas ressalvas à posição de Marx.³¹ E no correr dessas restrições, Löwy deixará clara sua posição sobre a questão:

[...] A “compreensão teórica do conjunto do movimento histórico” está em relação dialética com uma *tomada de posição* político-ideológica, que é preciso explicar sociologicamente; freqüentemente, é a escolha da posição da classe operária que cria as condições de possibilidade, no intelectual, desta visão teórica.

Exceto Gramsci, raro foram os intelectuais marxistas que tentaram explicar esse fenômeno, não obstante decisivo para o movimento operário e cada vez mais importante e freqüente no curso do século XX. Lênin sublinhou o papel crucial dos intelectuais revolucionários na luta ideológica contra a burguesia e na construção do partido de vanguarda, mas não deu senão poucos elementos para compreender as causas de sua ligação ao campo proletário (da qual ele mesmo é um exemplo ilustre).³²

Mas aqui já estamos no campo do pensamento marxista pós-marxismo da Segunda Internacional, que não é tratado nos ensaios aqui publicados. Dessa forma, como já afirmamos acima, o próprio trabalho de Trótski que se publica aqui ainda pertence ao marxismo da Segunda Internacional, tanto pela temática enfocada como pela própria data de sua publicação (1910).

No texto, Trótski começa por relacionar a tese central de Max Adler em relação aos intelectuais com a posição dos socialista-revolucionários russos, exatamente os adversários de sempre dos revolucionários marxistas russos desde Plekhánov, passando por Lênin até as diferentes correntes marxistas russas de então em luta (1910), na qual Trótski está, a essa época, profundamente envolvido.

Mas o que, de fato, o texto de Trótski apresenta é uma crítica forte à tese central de Max Adler defendida em seu pequeno livro. A crítica de Trótski é bastante ampla, mas um de seus aspectos mais interessantes é aquele que diz respeito ao fato de ser dirigido aos estudantes e não aos intelectuais já formados. Como se recorda, o livro surgiu de uma conferência de Max Adler para um auditório de estudantes, certamente em comemoração ao 15º aniversário da União Livre dos Estudantes Socialistas de Viena, a quem o livro foi também dedicado:

Em sua própria propaganda não se dirige, em substância, à classe dos trabalhadores intelectuais cumpridores de determinadas funções na sociedade capitalista, mas à geração dos jovens dessa classe que somente está na fase de se preparar para seu futuro papel: os estudantes. Mostra isso não só a dedicatória de seu livrinho à “União Livre dos Estudantes Socialistas de Viena”, mas o próprio caráter do folheto-discurso, seu tom patético, agitativo e de sermão. Não tem sentido, inclusive, apresentar semelhante discurso diante de um auditório de professores, escritores, advogados, médicos... Engasgar-se-ia nas primeiras palavras. Por conseguinte, o próprio Adler, em função direta do material humano com o qual tem que operar, limita sua tarefa; o político corrige a fórmula do teórico: trata-se, finalmente, da luta por influenciar os estudantes.³³

³¹ Michael Löwy, “Introdução”, em *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*, cit., pp. IX-XV.

³² *Ibid.*, p. X.

³³ Max Adler, “El socialismo y los intelectuales”, cit.

De fato, o ensaio de Adler apresenta uma enorme preocupação com os estudantes e sua relação com o socialismo,³⁴ e as anotações de Trótski sobre esse ponto são pertinentes e dotadas de uma grande acuidade. Entretanto, Adler vê o estudantado de sua época, mesmo aquele a quem dedicava o seu pequeno livro, com certa reserva:

Dessa maneira, os intelectuais aprofundaram aquele abismo que o proletariado, por sua parte, tentara preencher. E o estudantado, esse setor do povo que deveria ser o mais florescente, o mais rico em ideais e em esperanças, mostra o resultado que essa atitude teria engendrado, evidencia o que teria ocorrido se a classe operária não tivesse mais do que compensado mediante seu próprio esforço o efeito de tal atitude, pelo menos no que a ela diz respeito. Incapaz de se manter à borda desse abismo, o estudante se precipitou no espaço aberto, de maneira violenta e antinatural, entre os setores do povo, o espaço entre a vida da cultura e a energia do povo. E paga com o isolamento total em relação aos grandes impulsos que animam a grande massa do povo, com a absoluta incompreensão das necessidades e objetivos das massas, de seu trabalho, seus sofrimentos e suas esperanças.³⁵

Adler se refere a um episódio que se deu, em 1909, em que há um choque de rua entre o operariado e parcelas do povo vienense, inclusive estudantes:

Um povo aturdido na rua, operários e estudantes; de um lado, dezenas de milhares de homens e mulheres das fábricas e oficinas; do outro, milhares de jovens das escolas superiores e entre eles inclusive muitos escolares. Estudantes e operários, mas não se tratava da repetição do grandioso espetáculo de 1848, cuja recordação ainda ilumina gloriosamente a união desses dois nomes suscitando entre os operários um respeito que ao contrário é totalmente estranho para a grande massa do estudantado; estudantes e operários: mas os estudantes *não estavam junto* ao povo, transportados por seu amor e entusiasmo, mas *diante* do povo e *contra* ele, separados por um abismo de ódio e ira mútua, separados, sobretudo, *espiritualmente* mediante um conjunto de ideais mal-entendidos ou não-entendidos, e por isso separados também *materialmente* por meio de um vergonhoso cordão policial cuja tarefa consistia em proteger os estudantes da indignação do povo e o povo da petulância daqueles. Um espetáculo verdadeiramente edificante, que nos faz envergonhar quando evocamos o espírito de Fichte ou somente as velhas associações estudantis. Mas os que viveram essa experiência e estão habituados a se aproximar com espírito crítico dos acontecimentos se verão obrigados a fazer uma reflexão que não os deixará imunes.³⁶

É interessante destacar, aqui, que também Kautsky, em seu ensaio citado, salienta a importância da propaganda que o partido deve fazer junto aos estudantes quando dedica toda uma parte do trabalho à questão dos estudantes. Abre sua análise com essas palavras:

Porém, aqueles a quem podemos conquistar mais facilmente são os estudantes.

Objetou-se que não constituem uma profissão e em conseqüência não têm qualquer interesse de categoria ou de classe comum com os do proletariado. Mas, como sabemos, isso é também válido para os graus mais elevados da inteligência, não obstante o que os distintos indivíduos que podem ser conquistados entre eles são mais acessíveis ao socialismo na medida em que sua visão está menos ofuscada por interesses materiais. Com maior razão se pode aplicar isso aos estudantes, já que precisamente não estão ligados a profissão alguma, mas se encontram somente numa etapa de preparação para as profissões.³⁷

³⁴ Especialmente o item 'Estudiantes y operários', em "El socialismo y los intelectuales", cit., pp. 141-145.

³⁵ *Ibid.*, p. 141.

³⁶ *Ibid.*, pp. 142-143.

³⁷ Cf. Karl Kautsky, "La inteligencia y la socialdemocracia", cit., p. 277.

Contudo, Trótski mantém sérias restrições a essa esperança da socialdemocracia, tanto alemã como austríaca, quanto à receptividade dos estudantes para a propaganda do socialismo:

Mas também aqui nos vemos obrigados, uma vez mais, a nos deter diante dos simples fatos. Não somente a intelectualidade européia, em seu conjunto, mas seu rebento estudantil, não mostra, decididamente; inclinação alguma pelo socialismo. Entre o partido operário e a massa estudantil há uma muralha. Explicar esse fato somente pelos defeitos da propaganda, que não sabe abordar a intelectualidade pelo lado conveniente – explicação em que Adler se perde –, significa ignorar toda a história das relações recíprocas entre estudantes e “povo”, equívale a ver nos estudantes uma categoria intelectual e moral e não um produto histórico-social.³⁸

E para finalizar o destaque das pertinentes críticas de Trótski podemos destacar a sua aguda percepção quanto à validade dos postulados da teoria da socialdemocracia alemã – segundo ele aceita pela socialdemocracia austríaca – a respeito da proletarianização da intelectualidade e a fatalidade do *Endziel*, o objetivo final do socialismo:

Segundo sua opinião [de Adler] é possível atrair a intelectualidade para o socialismo, mas somente colocando em primeiro plano o objetivo final do movimento em todas as suas dimensões. Mas Adler reconhece, como é lógico, que o objetivo final se configura mais clara e plenamente na medida em que se opera a concentração da indústria, a proletarianização das camadas médias, o aprofundamento dos antagonismos de classe. Independentemente da vontade dos líderes políticos e da diferença de tática nacional, o “objetivo final” aparece incomparavelmente mais nítido e direto na Alemanha do que na Áustria ou na Itália. Mas esse mesmo processo social – a acentuação da luta entre o trabalho e o capital – dificulta para a intelectualidade a sua passagem para o lado do partido do trabalho. As pontes entre as classes permanecem destruídas e tem-se que saltar o fosso que se aprofunda cada dia mais. Portanto, paralelamente às condições que facilitam objetivamente a penetração teórica na essência do coletivismo, aumentam os obstáculos sociais para a união política da intelectualidade com o exército socialista. A passagem para o socialismo em todo país avançado, de intensa vida social, não é um ato especulativo, mas sim político, e a vontade social domina aqui sem meios termos sobre a razão teórica. Isso significa que, em última instância, hoje é mais difícil ganhar a intelectualidade do que ontem; e amanhã será mais difícil do que hoje.³⁹

Enfim, Trótski arremata sua observação transcrita acima com o destaque extremamente agudo de que “a passagem para o socialismo em todo país avançado, de intensa vida social, não é um ato especulativo, mas sim político, e a vontade social domina aqui sem meios termos sobre a razão teórica”.⁴⁰

Finalmente, desejamos salientar que por razões editoriais, em virtude dos limites de espaço gráfico destinado à edição do “Encarte” na revista *Novos Rumos*, nos vemos obrigados a dividir a publicação dos trabalhos mencionados em três partes, ou seja, em três números consecutivos da revista: 46, 47 e 48. Contudo, pela importância dos trabalhos editados temos a certeza de que o leitor de *Novos Rumos* saberá nos desculpar o desconforto para sua leitura, ao usarmos esse recurso, sem o qual os ensaios não poderiam ser aqui editados.

³⁸ Ver p. 42, neste “Encarte”.

³⁹ Ver pp. 43-44, neste “Encarte”.

⁴⁰ Ver p. 44, neste “Encarte”.

KARL KAUTSKY*

A INTELIGÊNCIA E A SOCIALDEMOCRACIA**

DEFINIÇÃO DO TEMA

Como se sabe, a socialdemocracia rejeita toda pretensão de se construir um modelo de “Estado do futuro”; e nem sequer pode fixar para o movimento operário um modelo a seguir seja no presente ou no futuro. Certamente possui determinados fundamentos teóricos e até agora todas as tentativas feitas para vergá-los acabaram unicamente como um meio para consolidá-los e reforçá-los. Contudo, o fato de que esses fundamentos sejam indestrutíveis não leva de nenhuma forma à uniformidade do movimento. Sabemos, muito bem, que “tudo flui”, que toda situação se encontra em contínua mudança e que, por conseguinte, toda verdade é somente relativa e é válida unicamente no marco de determinadas condições.

Os fundamentos teóricos da socialdemocracia não é somente uma cômoda poltrona para que os que venham depois possam dormir tranquilamente a partir das diretrizes de seus predecessores. O curso do desenvolvimento coloca continuamente novos problemas e os princípios teóricos não apresentam as soluções acabadas, mas os pontos de partida para se chegar às mesmas.

Uma de nossas afirmações de princípio, por exemplo, afirma que o motor do desenvolvimento atual da sociedade é a luta de classe entre o proletariado e a burguesia. Isso não significa, contudo, que se alguém decora essa proposição já por isso conhece também todas as lutas políticas e sociais de nosso tempo; basta salientar que nos diversos países e nas distintas épocas são diferentes o proletariado e a burguesia, e são distintas as condições em que lutam!

* Ver “Die Intelligenz um die sozialdemokratie”, em *Die Neue Zeit*, XIII (1894-1895), pp. 10-16, 43-49 e 74-80. Utilizou-se o termo “inteligência” para traduzir o original “Intelligenz”, porque ao que parece as expressões “intelectuais” e “Intelligenzia” são por diferentes razões desorientadoras e não é possível de serem utilizadas. Pelo contexto resulta que o termo *Intelligenz* designa o conjunto de profissões e de categorias dos trabalhadores intelectuais, tal como se definem dentro da sociedade civil em relação a determinadas missões e tarefas. Excluída, pois, a possibilidade de se usar o termo “intelectuais”, que aparece em Adler como inovação de conhecimento e não só terminologia (ver os argumentos contidos no “Prefácio” ao ensaio de 1910), nos pareceu que o termo “Intelligenzia”, devido à sua vinculação original com a situação contemporânea dos intelectuais na Rússia czarista, coloca uma acepção distinta e restritiva da problemática kautskiana; e sobretudo se perdia desse modo a relação entre a função dos intelectuais e o desenvolvimento de uma sociedade capitalista que serve de base a toda a descrição sociológica contida no texto (nota de Siglo Veintiuno).

** Traduzido de Karl Kautsky, “La inteligencia y la socialdemocracia”, em Max Adler, *El socialismo e los intelectuales* (México: Siglo Veintiuno, 1980), pp. 255-286. Tradução: Antonio Roberto Bertelli.

Além do mais, entre o proletariado e a burguesia existe toda uma série de estratos sociais que têm seus próprios interesses particulares e que intervêm na luta das duas classes mencionadas reforçando ora uma, ora outra parte. Esses estratos sociais estão sujeitos, por sua vez, a contínuas mudanças e variam continuamente suas forças, tendências e métodos de luta.

Uma das tarefas do teórico socialista consiste em estudar essas mudanças, dar-lhes a conhecer aos militantes. E nem por isso se dá a menor parada: ao contrário, o desenvolvimento social avança com tal rapidez que é difícil acompanhá-lo.

Entre os problemas colocados a nosso partido pelo desenvolvimento mais recente, a propaganda no campo e a conquista da inteligência ocupam o lugar principal. Trata-se de problemas originados, em parte, pelo próprio crescimento de nosso partido, para cuja atividade em muitos lugares a esfera do proletariado industrial é muito restrita. Contudo, este não é o único motivo porque a questão de nossa posição diante dos diversos estratos tanto da população rural como da inteligência adquiriu, nos últimos tempos, uma importância tão grande. Na atualidade se discute, não só nos países da Europa (Alemanha, Áustria, França, Bélgica, Dinamarca, etc.), mas também nos Estados Unidos, qual deve ser, por exemplo, nossa posição diante dos camponeses. As relações de nosso partido com o Peoples Party, essencialmente camponês, se converteram ali em objeto de acaloradíssimas discussões e, contudo, ninguém se atreve a pensar que a socialdemocracia americana controla o proletariado industrial urbano a tal ponto que a iniciativa nessa esfera não se lhe seja suficiente.

Se nos últimos tempos nos ocupamos dos camponeses muito mais do que fizemos até agora, a razão disso está principalmente nas mudanças que se deram no seio dessa classe: ela se colocou em movimento ingressando no cenário político e convertendo-se num fator político. Já não é possível ignorá-la, mas é necessário aclarar o que se deve esperar dela, estabelecer até que ponto seus interesses podem se relacionar com os do proletariado, se pode oferecer aliados para determinados objetivos, ou mesmo companheiros de partido que marchem, em qualquer circunstância, lado a lado com o proletariado industrial.

Junto com a questão da agitação no campo, deve ser objeto de particular atenção a nossa atitude diante da inteligência. O próprio surgimento dessa questão deriva essencialmente das mudanças ocorridas no transcurso das últimas décadas nesses estratos sociais, dos quais falaremos mais adiante. Um índice da profundidade com que essa questão se estabeleceu nas relações sociais nos é oferecido pelo calor das discussões e a força dos fenômenos que essa questão adquiriu de igual modo nos diversos países: não só na Alemanha e na Áustria, mas também na França e na Bélgica, em que, como na Alemanha, existem revistas estudantis socialistas especializadas, na Itália e em outras partes. A *Die Neue Zeit* publicou em seus últimos números uma série de contribuições que possibilitaram ao autor destas páginas a ocasião de participar da discussão.

Neste caso não se trata da questão de se a socialdemocracia deve considerar a presença dos membros da inteligência em suas próprias fileiras. Trata-se de uma questão já esclarecida pelo *Manifesto*¹ e pelo próprio fato de que os fundadores da socialdemocracia, Marx, Engels e Lassale, pertenciam à inteligência. Para a socialdemocracia é bem-

¹ "[...] Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza passou para a burguesia, em nossos dias uma parte da burguesia passa-se para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto" [Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifesto do partido comunista* (5ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, s/d.), p. 34].

vindo qualquer um que aceite seus princípios e colabore em sua luta de emancipação, qualquer que seja a classe de onde provenha. A concepção de que a causa dos trabalhadores assalariados só pode ser representada pelos trabalhadores assalariados é característica dos setores mais atrasados do proletariado, encerrados ainda num ponto de vista corporativo. É uma opinião que não advém dos bárbaros socialdemocratas, mas dos seguidores da observação estrita da escola liberal, dos tradeunionistas ingleses. No setor revolucionário do proletariado, essa concepção esteve personificada, de maneira totalmente ocasional, por alguns descontentes com a socialdemocracia; e o singular é que em geral vieram precisamente da inteligência os que de vez em quando sentiram a necessidade de apelar para as “mãos calejadas do proletariado”, desde Wilhelm Hasselmann* até os “independentes” mais recentes. Contudo, atualmente, tudo isso está fora de discussão.

Há ainda uma questão que gostaríamos de descartar da esfera de nossa investigação. Trata-se do problema das relações que nosso partido deve manter com a inteligência, de sua conduta diante dos membros da inteligência incorporados às atividades do partido: problema que, como mostram as próprias discussões sobre os níveis dos salários do partido, ocupou muito, nos últimos tempo, os nossos companheiros. A questão não se refere somente aos verdadeiros “universitários”, mas a um círculo muito mais amplo de companheiros, quase todos eles empregados a serviço do partido fundamentalmente como editores, redatores, colaboradores de jornais e revistas, como parlamentares, etc. Precisamente por ser antes de tudo uma questão de meios de subsistência, o tipo de resposta que requer, apesar de não ter necessidade de significado pelo caráter e a capacidade operativa do partido, não constitui um problema teórico. Sem dúvida, os salários dos “trabalhadores do pensamento” são normalmente muito mais elásticos do que os de qualquer outra categoria de trabalhadores empregados pelo partido. É natural que quando os recursos são insuficientes se economize sobretudo nos salários de jornalistas e similares, e é difícil encontrar opiniões discordantes nesse aspeto. Por outra parte, contudo, o fato de que quando os meios o permitem, é interesse mesmo do partido garantir a seus trabalhadores do pensamento condições de existência correspondentes não a um nível de vida proletário, mas a um modesto nível de vida burguesa. Só quando isso lhes puder ser assegurado poderão desenvolver plenamente suas capacidades e dar o melhor deles mesmos. Contra as forças dominantes não devemos levar a cabo somente uma batalha econômica, mas também uma batalha cultural. As classes dominantes empregam contra nós suas melhores forças intelectuais, oferecendo-lhes com abundância todos os tipos de armas. Certamente, nós temos nossa lógica dos fatos e uma teoria superior: apesar disso, contudo, nossa batalha seria muito mais difícil se déssemos às nossas forças intelectuais somente o indispensável para a existência, e não algo mais que os coloque em condições de empreender investigações de utilização não-imediata e de preparar instrumentos que os coloque em igualdade com seus adversários.

De qualquer modo, em geral isso se reconhece dentro do partido, pelo menos por parte dos que estão a par das condições da produção intelectual, e o que está em discussão é somente se há meios suficiente para pagar salários desse tipo e qual é o nível de vida burguesa que se deve dar aos trabalhadores intelectuais. É compreensível que, sobretudo nesta última questão, possam se apresentar uma variedade de pontos de vista. Nos cabe

* Wilhelm Hasselmann, nascido em 1844, foi um dos líderes da fração lassalliana. Sendo diretor do *Neuer Sozial-Demokrat*, foi eleito deputado ao Reichstag em 1874 e 1878. Foi um dos relatores do programa do Congresso de Gotha, em 1875, mas manteve no novo partido uma posição marginal e de oposição crescente, até sua expulsão acontecida em 1888. Depois de abandonar a Alemanha, dirigiu-se primeiro à Bélgica e à Inglaterra, e em seguida aos Estados Unidos (nota de Siglo Veintiuno).

salientar com indignação os debates que sobre essa questão são feitos no campo de nossos adversários (sobretudo aqueles sustentados no último congresso do partido) como prova da “barbárie” e da trivialidade do proletariado. Trata-se algumas vezes daqueles mesmos que no dia anterior se indignaram com os “chefes” que “engordam com o dinheiro dos operários”. Na realidade, essas discussões só salientam o nível de vida incrivelmente baixo do proletariado alemão e a grande imprudência dos que falam disparates contra o alto salário dos operários. É natural que aos proletários um salário que do ponto de vista burguês se consideraria apenas como modesto pareça suntuoso.

A questão dos salários, com tudo que isso implica, só pode se resolver caso a caso. Este artigo nada tem a ver com essa questão.

Os problemas que pretendemos abordar são outros: quais são as características da inteligência, se seus interesses coincidem e em que medida com os do proletariado, se há que se esperar e em que medida que ela assuma seu próprio lugar na luta de classe, e quais são os estratos mais difíceis de se conquistar.

A INTELIGÊNCIA

A divisão entre trabalho intelectual e trabalho físico não se justifica fisiologicamente. O próprio pensamento puro é uma função do corpo, e por sua vez inclusive no trabalho mais rude não só é atividade dos músculos, mas também do espírito, isto é, do cérebro e dos nervos. Recentemente, Wittelshöfer* mostrou nesta revista que muitas formas do chamado trabalho intelectual requeriam menos emprego de força intelectual do que muitos tipos do chamado trabalho físico.

Contudo, trata-se de distinções historicamente dadas que não são acidentais nem arbitrárias. Na aceção comum, o trabalho intelectual constitui um trabalho de nível mais elevado, um trabalho nobre que pressupunha até agora um certo grau de exploração e que os exploradores reservavam para si e para seus favoritos. O trabalho físico foi até o momento o trabalho dos explorados, dos oprimidos, dos humildes, e considerado, por conseguinte, de menor valor. Consideram-se como formas de trabalho intelectual, mais elevadas, todas aquelas que as classes dominantes, movidas pelo interesse da conservação de seu próprio domínio, reservaram para si mesma ou para seus favoritos (ainda que se tratasse neste último caso de escravos), como, por exemplo, a direção da administração pública, do exército, da educação, da religião; mais tarde se incluíram entre essas os tipos de trabalho cuja execução não implicava uma fadiga, mas um deleite, como é o caso das artes e das ciências, pelo menos quando essas surgem de um impulso interior; se introduziram, finalmente, os tipos de trabalho que exigem conhecimento e habilidades tais que pressuponham facilidades e recursos maiores do que os que geralmente tinham a sua disposição os explorados.

Freqüentemente, dois desses fatores, ou os três, contribuem para fazer de um determinado trabalho um trabalho intelectual.

O trabalho intelectual constituiu, pois, um trabalho privilegiado, e todavia se conserva essencialmente como tal, ainda que a este propósito comecem a se dar mudanças.

É muito mais importante, contudo, outra mudança provocada pelo modo de produção capitalista no trabalho intelectual. Em outros tempos, os exploradores, ou pelo

* Otto Wittelshöfer, “Geistige und mechanische Arbeit” [Trabalho mental e trabalho mecânico], em *Die Neue Zeit*, XIII (1894-1895), vol. I, pp. 551 e ss. (nota de Siglo Veintiuno).

menos uma categoria deles, se ocupavam preferencialmente do trabalho intelectual: A Igreja, por exemplo, que na Idade Média representava o trabalho intelectual, era um dos maiores proprietários de terras, e enquanto tal está direta e estreitamente interessada na exploração feudal. No modo de produção capitalista, os exploradores estão tão ocupados na exploração que não têm tempo e nem sequer percebem a necessidade de um trabalho de outro gênero.

Desfazem-se tanto do trabalho intelectual como do trabalho físico ao se entregarem totalmente à carreira do lucro.²

O trabalho intelectual se converte na tarefa específica de uma classe particular, que normalmente está interessada diretamente (ou não está necessariamente por sua natureza) na exploração capitalista, a chamada inteligência, que ganha a vida valorizando seus conhecimentos e capacidades particulares.

Essa classe, que dá seus primeiros passos com a produção mercantil simples (por exemplo, os sofistas), cresce rapidamente no modo de produção capitalista, em que cada vez mais lhe são confiadas as atividades intelectuais que até agora estavam reservadas aos exploradores, mas em que também se abrem dia-a-dia novos campos de atividade. O modo de produção capitalista substitui o artesanato pela grande indústria, decompondo o trabalho físico e o trabalho intelectual, e tornando necessário, junto com o trabalho dos operários, dos engenheiros, dos químicos, dos diretores de empresa, etc. Isso traz como consequência a centralização estatal, a concentração da população nas grandes cidades, a absorção dos pequenos Estados por grandes, substituindo as pequenas comunidades autônomas por vastas e complexas formações que necessitam de administradores particularmente especialistas, daí o rápido crescimento da burocracia. Desenvolve-se o comércio internacional e junto com ele a política mundial. A vida econômica e política das grandes cidades, dos grandes Estados, leva à formação de órgãos específicos de informação e de influência, o jornalismo se converte numa grande potência. O modo de produção capitalista converte cada vez mais a produção numa produção de mercadorias, incrementando com isso ao infinito os conflitos privados entre produtores de mercadorias que constituem o maior campo de cultivo para os advogados. Retirando das massas toda a disponibilidade de tempo livre, mata com isso a arte popular. Esta é substituída pela arte paga, profissional; no lugar das reuniões em que o povo contava as suas próprias fábulas e lendas, aparecem os teatros e os cafés-concerto; no lugar dos cantos populares, temos as piadas de um palhaço profissional.

Dessa e de outras maneiras similares o modo de produção capitalista fomenta artes e ciências e faz aumentar a inteligência.

Mas por mais rápido que seja o crescimento da demanda de trabalhadores do pensamento, aumenta ainda mais rapidamente a sua oferta.

A inteligência é recrutada antes de tudo entre seus próprios filhos. Ela não quer descender às classes menos privilegiadas e só rara vez consegue para alguns de seus membros a ascensão à classe dos grandes exploradores; a maior parte deve se contentar em dar a seus próprios filhos a educação e a formação requeridas por sua própria classe.

² "Os pagãos, ah, os pagãos!" [...] Desculpavam, por acaso, a escravidão de alguns como meio para alcançar o pleno desenvolvimento de outros. Mas careciam do órgão especificamente cristão que lhes permitisse pregar a escravidão das massas para fazer de uns poucos estrangeiros toscos e semicultos 'eminent spinners' [proeminentes fiandeiros], 'extensive sausage' [fabricantes de embutidos por atacado] e 'influential shoe black dealers' [influentes comerciantes de graxa para calçado]" [Karl Marx, *El capital*, vols. 1 e 2 (México: Siglo Veintiuno), p. 498].

Além do mais, também são empurrados para a inteligência alguns dos rebentos das classes superiores. A partir do momento em que dentro de uma classe se desenvolvem as máximas desigualdades quanto à propriedade, em que o direito individual sobre os principais meios de produção, e principalmente sobre a posse de terras suplanta o direito hereditário de *sangue*, e em que o poder do indivíduo cresce com a magnitude de sua riqueza, surge em cada família a tendência a manter indivisíveis os bens possuídos, coisa que, segundo os casos, leva a transmitir a um único herdeiro toda a propriedade familiar, ou a limitar artificialmente o número de nascimentos. No primeiro caso, existe o problema de prover aos filhos mais novos (e algumas vezes também as filhas que não são casadas). Durante a Idade Média, o serviço militar e a Igreja constituíam para os nobres formas de colocação. O modo de produção capitalista somou a estas a inteligência, ou se se quer, ampliou à inteligência o campo formado pela Igreja. As classes dominantes se reservam com prazer seu excesso de produção, obviamente em postos privilegiados particulares, em que os lucros estão em proporção inversa à quantidade de trabalho e de capacidade exigidas por seus afortunados possuidores.

Ao mesmo tempo há uma afluência a partir de baixo, a partir da pequena burguesia e dos camponeses, e só minimamente, ao contrário, a partir do proletariado. Há muito tempo a aquisição dos conhecimentos necessários para fazer parte da inteligência representou para os diferentes membros das classes inferiores um meio de elevação por cima de sua própria classe. Contudo, isso acontecia somente em alguns casos, com indivíduos dotados de capacidades e inclinações particulares: o mais freqüente era que se elevasse uma elite dessas classes. Totalmente distinta se apresenta a situação atual. A decadência da pequena empresa nas cidades e no campo leva atualmente a pequena burguesia e muitos camponeses a procurar fazer ascender a qualquer custo os seus filhos à inteligência, tenham ou não disposições e capacidades, já que sobre os que não conseguem fazê-lo pesa a ameaça de serem lançados ao proletariado. Não há porque se espantar com o fato de que no campo de trabalho intelectual a oferta de força de trabalho supere continuamente a demanda, tanto que permite se falar de superprodução de inteligência.

Desse modo se forma uma nova classe média, muito numerosa e em contínuo aumento, cujo crescimento permite ocultar algumas vezes a maior decadência dos grupos médios produzidos pela crise das pequenas empresas.

Certamente seria interessante adentrar-se ainda mais na questão, mas temos que nos abster de fazê-lo para não interromper excessivamente o curso da investigação. Basta a comprovação de que com a inteligência surge uma nova classe média, em parte como produto das exigências do modo de produção capitalista e em parte pela decadência da pequena empresa, uma classe média que cresce continuamente em número e em importância em relação à pequena burguesia, ainda que, por sua vez, está cada vez mais depreciada pelo excesso crescente da demanda de força de trabalho, o que provoca, por conseguinte, seu descontentamento cada vez maior. O aumento da inteligência e o crescimento de seu descontentamento representam precisamente os dois elementos mais importantes que levam a socialdemocracia a dirigir sua atenção para essa classe.

INTELIGÊNCIA E PROLETARIADO

Se o descontentamento bastasse para ser socialdemocrata, certamente quase toda a inteligência teria passado para o campo da socialdemocracia. Então nesse caso que classe não faria parte dela? Numa sociedade à beira do naufrágio o descontentamento se encon-

tra em todas as classes; contudo, cada classe tem suas razões particulares para o descontentamento e tem seus modos particulares de buscar o remédio para os males que padece. Como partido baseado no descontentamento geral (geral pelo menos se limitando aos cristãos) se pode salientar antes de tudo o dos anti-semitas; partido que, contudo, precisamente por isso constitui só uma massa desorganizada, por um lado aristocrática, por outro democrática, servil ou plena de rebelião, uma mistura de pessoas de todas as cores, que só têm em comum um grande descontentamento.

Mas esse é o único elemento que une o proletariado e a inteligência, ou existe entre eles uma série de interesses comuns? Claro que sim. Bastaria perguntar se essa comunidade de interesses constitui um fundamento suficiente para uma efetiva solidariedade de interesses. Em todas as classes se encontram alguns interesses isolados comuns aos do proletariado: nesse sentido, por exemplo, existe uma comunidade limitada de interesses entre operários e industriais das distintas indústrias e do mesmo ramo de atividades, fato em que se baseia precisamente a conhecida teoria da harmonia entre capital e trabalho.

Contudo, só os elementos da população que têm em comum com o proletariado da grande indústria, isto é, com o verdadeiro porta-voz do movimento socialista, todos os interesses essenciais e decisivos podem ser conquistados para a socialdemocracia por meio do chamado a seus interesses de classe, como companheiros de partido estáveis e seguros. A conquista de outros elementos da população por meio do chamado dessa espécie só poderia ter para nosso partido um efeito desorientador e de desagregação.

Pois bem, em que termos se apresenta a questão a respeito da inteligência? Em muitas partes se afirma que os interesses de classe da inteligência coincidem em todos os seus pontos essenciais com os do proletariado. A inteligência, se diz, constitui somente uma parte do proletariado, e no momento em que reconhecer o seu próprio interesse de classe deverá necessariamente passar para a socialdemocracia.

Junta-se como provas do pertencer da inteligência ao proletariado: 1) o grande número de seus membros que estão à beira da indigência extrema; 2) o fato de que, como acontece com todos os assalariados da indústria, eles vivem da venda de sua própria força de trabalho. Trata-se sem dúvida de duas características que se adaptam ao proletariado. Mas, os indigentes sempre não existiram, desde que existe a civilização e não havia por acaso assalariado antes do século XIX? Porém, em nosso século chegou a se formar um proletariado revolucionário, com consciência de classe, que se converteu em porta-voz do movimento socialista. Foram condições históricas particulares que criaram esse tipo de proletariado: ele é filho da grande indústria capitalista.

Não basta salientar, pois, que os membros da inteligência se encontram em sua maioria na indigência e que vivem da venda de sua própria força de trabalho para demonstrar que o conhecimento de seus interesses de classe os leva necessariamente para as fileiras da socialdemocracia.

Se se considera com maior determinação, se descobre antes de tudo que a inteligência não possui interesses de classe comuns, mas somente interesses da categoria. Que comunidade de interesses une o médico ao advogado, o pintor ao filólogo, o químico ao jornalista? Não só os interesses intelectuais, mas também os materiais de cada uma dessas profissões são totalmente específicos. Recorrendo a uma comparação com os trabalhadores manuais, nesse aspecto aqueles são semelhantes aos artesãos das corporações medievais que não reconheciam interesses comuns de classe mas só interesses de catego-

ria, e não aos proletários da grande indústria. Contudo, na inteligência a divisão de categorias se desenvolveu ainda mais fortemente do que entre os artesãos medievais.

A inteligência é, além do mais, a única classe que dentro do Estado moderno ainda pode mostrar resíduos de autênticas barreiras corporativas e é a única em que existem ainda verdadeiras “ordens” no sentido medieval. Os centros de instrução superior, as universidades, foram capazes de conservar até os nossos dias o ritual da corporação.

Porém, nem sequer dentro das diferentes profissões da inteligência predomina a solidariedade entre os trabalhadores. Já se salientou que as condições de vida dos diferentes proletários de um determinado ramo são substancialmente as mesmas, e que quando existe uma diferença, consiste sempre numa situação que favorece aos operários mais jovens em relação aos mais velhos. Na inteligência, ao contrário, se encontram as diferenças mais incertas entre os diferentes membros da mesma profissão. Que interesse tem uma “estrela”, um astro do firmamento da arte, numa maior valorização da obra de seus colegas desconhecidos? Que comunidade de interesses subsiste entre o chefe de redação de um jornal de fama internacional e um simples cronista? O que interessa ao professor de uma faculdade de medicina, com seu renome universal e sua renda *principesca*, a situação dos médicos rurais? Entende-se, com o risco de estar-se equivocado, que como homem pode interessar-se muito, mas do que se trata aqui é dos efeitos que pode esperar-se de um chamado aos interesses de classe.

Em cada profissão da inteligência se encontram divisões dessa mesma espécie, ainda que nem sempre tão marcantes. Cada uma delas se compõe de uma hierarquia de classes, em cujo interior cada um só tende a subir à imediata superior. A tendência a melhorar a própria posição por meio da união com os colegas que se encontram na mesma situação só pode desenvolver-se de forma muito débil. Muito maior é a influência da concorrência recíproca, a tendência a avançar à custa dos colegas. Em nenhum lugar prosperam tanto o zelo profissional, o arrivismo, o servilismo e a altivez como no campo da arte e da ciência.

Porém, mais do que isso, o que separa a inteligência do proletariado é o fato de constituir uma classe privilegiada. Por mais diversos e opostos que possam ser os interesses em seu interior, têm um traço em comum: seu caráter aristocrático. A inteligência é a aristocracia do espírito, e na sociedade atual, seu interesse a obriga a conservar por todos os meios o seu isolamento aristocrático. Certamente, esses senhores aristocratas se comportam como se sua posição de privilégio fosse simplesmente uma conseqüência de seu talento extraordinário. Sabem muito bem, contudo, que essa posição de privilégio não se baseia realmente em prerrogativas naturais, e se esforçam por levantar artificialmente barreiras que impedem no máximo um incremento de novos elementos. Daí o anti-semitismo existente nesses ambientes, daí a aversão ao acesso da mulher aos estudos, daí os esforços para manter as barreiras corporativas mais tradicionais quando já existem, e de exigi-las quando não existem; daí, finalmente, que em todas as profissões da inteligência em que já não é totalmente possível estabelecer uma distinção corporativa se faça o esforço por impossibilitar, ou pelo menos de tornar mais difícil, por meio de camarilhas bem organizadas, o acesso de todos os novos talentos, isto é, de competidores.

Trata-se de uma tendência inconciliável com aquela natural do proletariado enquanto classe submetida a todas as outras para destruir todos os privilégios, de qualquer gênero.

O fato de que a socialdemocracia proclame o direito igual para todos à educação, de que se proponha a eliminar os obstáculos que atualmente impedem o acesso da mulher

e do proletariado à inteligência, isto é, a inteligência que ganha a vida com seu próprio trabalho, equivale à tendência ao reforço do desmedido fenômeno que na sociedade atual coloca para a inteligência os efeitos mais mortais: a superprodução de intelectuais.

Nesse ponto decisivo, os interesses do proletariado e os da inteligência são diametralmente opostos. E mesmo se prescindindo de tudo o mais, esta já é a razão pela qual um chamado aos interesses não é o meio mais adequado para ganhar para o socialismo o conjunto da inteligência. Não se pode induzi-la, em geral, enquanto classe, a alienar-se na luta de classe junto com o proletariado.

□ PROLETARIADO DA INTELIGÊNCIA

Se os interesses da inteligência não coincidem com os do proletariado nem por isso se deve dar marcha a ré, renunciando a toda iniciativa entre os trabalhadores do pensamento. Antes de tudo há que se ter presente que tampouco é possível na realidade, como na teoria, manter distinções rígidas de gênero e espécie. Na realidade, as diferentes espécies e classes contíguas entre si se comunicam e se imbricam imperceptivelmente umas nas outras, e entre duas classes sempre existe uma série de graduações intermediárias. Também na inteligência existe uma série de categorias e estratos que se encontram próximos do proletariado e que têm com este pelo menos igual número de pontos de contato do que com a "aristocracia do espírito". E o próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista faz com que um número cada vez maior de elementos da inteligência caia nesses estratos mais extensos e cada vez mais proletarizados em suas condições de vida e de trabalho, deixando de ser privilegiados e começando a pertencer à classe que nada tem a perder a não ser suas próprias cadeias e que tem tudo a ganhar.

Os fatores que no modo de produção capitalista encabeçam tudo isso são os mesmos que levam à dissolução da aristocracia do proletariado, ou seja, do estrato que apresenta os maiores pontos de contato com o proletariado da inteligência.

Tomemos o exemplo dos tipógrafos. Até há pouco tempo pertenciam à aristocracia operária. A máquina não havia se assenhorado ainda de seu ramo de trabalho. Seu ofício requeria certa habilidade que só podia se adquirir com um longo aprendizado e uma certa cultura que no geral os elevava acima do proletariado. Essas prerrogativas permitiam a formação de uma forte organização que por sua vez contribuía para reduzir novamente, com o auxílio do exclusivismo corporativo, a oferta de força de trabalho numa medida muito maior do que teriam feito as prerrogativas naturais.

Na atualidade, a situação foi se modificando rapidamente. Deve-se recordar nesse caso que ainda em 1891, quando publicamos (*Die Neue Zeit*, IX, nº 1, p. 635) um artigo sobre o adiantamento da linotipia nos Estados Unidos, os especialistas do setor riram, e um jornal de categoria disse que ninguém podia imaginar que uma revista científica pudesse levar a sério uma bobagem como a linotipia. Atualmente até os maiores especialistas no ofício devem usar o linotipo; por sua parte, a partir do melhoramento e da ampliação da instrução pública secundária, que generaliza o grau de cultura requerido para um tipógrafo, a partir da penetração do trabalho feminino nesse mesmo setor e, finalmente, a partir da crescente divisão do trabalho que abrevia o tempo de aprendizado requerido, etc., o exército de reserva aumenta tanto que acrescenta a esse ramo de trabalho o número de elementos não organizados, pelo que, como mostraram as últimas greves, torna-se cada vez menos possível para os tipógrafos manterem sua posição de privilegiados por meio da simples força de sua organização.

Ao mesmo tempo, contudo, se agrava cada vez mais dentro de cada ramo de trabalho o contraste entre empresários e trabalhadores; a concentração e a centralização do capital avançam rapidamente, a empresa pequena torna-se cada vez mais incapaz de sustentar a concorrência, torna-se impossível para os operários trabalharem por sua conta. Desaparecem também cada vez mais as relações pessoais entre trabalhadores e empresários, e estes últimos se convertem em simples capitalistas que já não trabalham junto com seus próprios operários.

Tudo isso faz com que os tipógrafos se voltem cada vez mais para o campo da luta de classe do proletariado contra a classe dos capitalistas.

Um e outro desses fatores, e freqüentemente ambos, também atuam nos estratos da inteligência mais próxima do proletariado. O desenvolvimento das escolas profissionais generaliza de tal modo alguns conhecimentos especializados que estes já não garantem uma posição de privilégio. Basta recordar apenas a enorme massa de músicos que saem de nossas escolas de música, a massa de desenhistas, de pintores, etc., produzidos por nossas escolas de arte, a massa de mecânicos, químicos e similares produzidos por nossas escolas profissionais. Entretanto, cresce continuamente o exército de reserva, cresce também nessas profissões o contraste entre trabalhadores e empresários; também essas caem sob a exploração capitalista; cada vez resulta maior a quantidade de capital necessária para fundar uma empresa autônoma capaz de sobreviver. Ao mesmo tempo, avança também cada vez mais nessas profissões a divisão do trabalho e junto com ela a diminuição do tempo de aprendizagem necessário, enquanto a máquina já começa a entrar no campo das artes, como acontece por exemplo com a xilogravura, em que muitos trabalhos já são executados por máquinas, para não falar dos numerosos procedimentos químicos que a substituíram e suplantaram.³

A esses estratos se somam numerosas fileiras, em contínuo crescimento, dos “trabalhadores do pensamento”, dos graus inferiores da administração estatal e local e das empresas capitalistas, os empregados subalternos das ferrovias, dos correios, das fábricas. Na medida em que aumenta a cultura geral e a instrução profissional, os conhecimentos requeridos por essas profissões vão deixando de ser privilégio de círculos relativamente restritos; à medida que se convencem da impossibilidade de uma melhoria de suas próprias condições por meio das clausuras aristocráticas e da limitação da concorrência, são impulsionados a esperar o remédio unicamente do progresso geral de todo o proletariado.

Entre os empregados isso é válido especialmente para os numerosos auxiliares para os quais não existe a proteção da concorrência, a segurança da existência e a perspectiva da pensão, que H. Starkenburg salientava recentemente nesta revista como as vantagens do empregado sobre o operário.

Além do mais, também os que têm um emprego fixo se vêm atingidos indiretamente pela situação do mercado de trabalho, ou seja, pela magnitude do exército de reserva de cada um dos próprios setores de recrutamento. Na medida em que cresce o exército de reserva, torna-se mais fácil para o indivíduo ser despedido, ter suas possibilidades de resistência diminuídas, deixar-se submeter ainda mais, ver-se mais sobrecarregado de trabalho; há maiores possibilidades de se fazer economia à custa da força de

³ Sobre esses e outros pontos tratados aqui ver em particular a série de artigos de [Paul] Lafargue, “Das Proletariat der Handarbeit und der Kopfarbeit” [O proletariado manual e intelectual], em *Die Neu Zeit*, vol. V (1887), pp. 349 e ss.; 405 e ss. e vol. VI (1888), pp. 128 e ss.

trabalho, e a administração estatal e local pode, com maior facilidade, evitar levar em conta qualquer demanda tímida (são muito raras as demonstrações enérgicas) de uma melhoria das condições apresentadas pelos empregados subalternos. Sem um grande exército de reserva não seria possível, por exemplo, contratar empregados postais por treze ou catorze horas de trabalho diárias e lhes dar um tratamento que possa servir nos tribunais como circunstância atenuante para os delitos contra a propriedade.

Todos esses elementos que representam o ponto de transição entre o proletariado e a inteligência, o proletariado da inteligência e a inteligência do proletariado, encontram a cada dia mais pontos de contato com o proletariado e perdem cada vez mais pontos de contato com a verdadeira inteligência. À medida que avança esse desenvolvimento, vão passando cada vez mais para a esfera do proletariado, vão se interessando cada vez pela luta de classe proletária e vão adquirindo cada vez mais a possibilidade de serem conquistados pela socialdemocracia por meio da conclamação de seus interesses de classe.

Certamente que não se pode apresentar isso como uma tarefa muito fácil. A consciência de pertencer a uma classe privilegiada, de ser algo mais do que um simples proletário, continua viva por muito tempo nesse estrato social, mesmo quando suas condições materiais de pertinência tenham desaparecido há muito tempo e se requerem com frequência duras lições antes que se tornem acessíveis à convicção de que a ajuda não lhes pode chegar da limitação da concorrência no mercado de trabalho, de que sua salvação não está numa separação mais clara a respeito do proletariado, mas numa união mais estreita com este último.

Em muitos desses estratos, sobretudo no estrato dos empregados, sua condição particular de dependência não torna mais fácil a propaganda. O que é válido para os operários das empresas estatais, o é em maior medida para os empregados do Estado, cuja capacidade de resistência é extremamente inferior. No caso de ser despedido o operário de uma fábrica dependente do Estado pode, em igualdade de circunstâncias, ganhar mais facilmente a vida do que um empregado.

A organização sindical desses estratos dependentes não é exatamente de todo impossível, ainda que pressuponha uma influência política da classe operária, que atualmente não existe em nenhuma parte, exceção feita da Inglaterra e talvez também da Suíça. O que aqui se apresenta como movimento sindical não é absolutamente impossível em nenhum lugar, como pretendem muitos pessimistas, embora não seja possível sem a força da classe operária em nível político. Não há nada mais absurdo que obrigar o movimento sindical a jogar um papel oposto ao movimento político do proletariado, cujo vigoroso desenvolvimento se converteu na condição mais importante daquele.

Naqueles lugares em que os estratos em questão procuram se organizar sindicalmente podem contar, em teoria e de fato, com o apoio da socialdemocracia no parlamento da imprensa. Contudo, podem ser conquistados com maior facilidade para o movimento político que lhes permite defender sua própria causa sem se comprometer com uma organização sindical.

Para outros é mais fácil alcançar a organização sindical que há muito tempo se deu entre os escultores, os músicos, os técnicos, etc. Trata-se de estratos que ingressaram, em menor ou maior medida, na luta de classe, e a agitação que se dá entre eles não se distingue no essencial da que se dá entre os demais estratos do proletariado.

Também nesse caso, como em qualquer outro, as formas de agitação devem ser adaptadas às condições específicas dos diferentes estratos sociais. Contudo, nossa tática

não necessita para a agitação entre as fileiras da inteligência do proletariado nem de uma mudança nem de uma integração. Desde o início, a socialdemocracia levou em conta esses estratos em sua agitação.

A ARISTOCRACIA DA INTELIGÊNCIA

No que diz respeito à iniciativa relacionada com o proletariado da inteligência, as diferenças de opinião são mínimas em nosso partido. Elas se dão muito mais sobre a questão da conquista da aristocracia da inteligência – médicos, advogados, professores de ensino médio e universitário,⁴ engenheiros e químicos, empregados dos altos níveis da administração, etc.

Como dissemos, esses profissionais não podem ser conquistados por meio de uma conclamação a seus interesses de classe, ou de categoria. Devemos renunciar totalmente a ver o ingresso em sua totalidade desses estratos no campo da luta de classe do proletariado. Neste caso somente pode se tratar da conquista de indivíduos isolados.

Exatamente por isso seria prejudicial pretender conquistar a esses indivíduos isolados por meio de um apelo a seus interesses pessoais. Aquele que chega até nós levado por seu interesse pessoal, aquele que não vem para combater na batalha de classe com o proletariado, mas para receber do proletariado o reconhecimento e as honrarias que a burguesia lhe negou, representa normalmente uma péssima aquisição e pode, sobretudo se advém da inteligência, se tornar extremamente perigoso. Nunca seríamos por demais cuidadosos ao manter longe de nosso partido os gênios incompreendidos, os literatos falidos, os inventores de novas escritas, os descobridores de novas panacéias, os oportunistas frustrados e outros elementos de tal gênero.

É precisamente na inteligência onde se torna menos conveniente fazer uma conclamação aos interesses pessoais.

Então, de que modo podemos conquistar os seus diferentes elementos?

Do único modo que nos permitiu adquirir nessa esfera tantos adeptos: isto é, por meio do conhecimento da justeza histórica dos fins da luta do proletariado e da necessidade de sua vitória. Não é por meio do descontentamento e dos incômodos materiais, por mais que esses possam influenciar, mas por meio da difusão do conhecimento das leis que regem o movimento e o desenvolvimento histórico é que continuaremos conquistando nas fileiras da inteligência, como fizemos até agora, companheiros úteis e dignos de confiança para o partido.

Esse conhecimento nos mostra convertidos em todas as classes, mas é na inteligência onde a sua capacidade de recrutamento encontra um terreno particularmente favorável. Sua própria profissão coloca uma maior amplitude de horizontes e um desenvolvimento de aptidões e capacidades intelectuais superior ao que se encontra normalmente em ou-

⁴ Os professores elementares ocupam uma posição particular. Também eles estão situados em uma camada intermediária entre o proletariado e a inteligência, mas suas péssimas condições, mais do que a superprodução de força de trabalho (ainda que também esta, sobretudo pela concorrência crescente do trabalho feminino, começa a se fazer sentir consideravelmente), derivam do pouco apreço que as classes dominantes têm pela instrução elementar. Já que um aumento da força do proletariado significaria um incremento e um cuidado maior com a instrução elementar, os professores têm um interesse particular pelo progresso dessa classe, ainda que mais como professores do que como proletários. Em geral, até agora, só raramente esse interesse apresenta uma força suficiente para superar as barreiras corporativas com as quais, de maneira muito similar à que acontece nos demais estratos da inteligência, creem alcançar melhor seus objetivos, por meio da conservação das diferenças para baixo e do servilismo para cima.

tras classes. De modo algum se pretende dizer com isso que os membros da inteligência são mais capazes de conhecer a verdade do que o resto. As capacidades intelectuais foram adquiridas originalmente e desenvolvidas como armas na luta pela existência, como meio para conquistar, defender e explorar tudo o que serve para a conservação da vida; e enquanto o problema que está em jogo for a existência, enquanto o pensamento tiver objetivos interessados (e ainda hoje os homens utilizam a inteligência só para esse fim) significa que, transferida para o plano da luta de classe intelectual, a inteligência não serve para fins filosóficos, mas para fins advogáticos. Maior inteligência não significa, pois, maior capacidade de conhecer, mas maior capacidade de defender e justificar, demonstrando sua falta, os próprios desejos e necessidades; de acordo com a variação dos interesses de classe, pode significar tanto a capacidade de ocultar a verdade, enganando os demais e a si mesmo, como a de descobrir e difundir a verdade. Só no campo do pensamento desinteressado uma maior força intelectual também coloca necessariamente uma maior capacidade de descobrir a verdade.

Mas também nesse campo é válida, para uma parte da inteligência, a luta de classe entre a burguesia e o proletariado. A inteligência não está ligada diretamente aos interesses de classe do proletariado, ainda que em muitos casos não partilhe nenhum interesse direto com a exploração capitalista.

Certamente, isso não impede que seus representantes tenham a missão de defender essa exploração.

Além do mais, toda uma série de categorias da inteligência se distingue do proletariado exatamente pelo fato de que sua força de trabalho tem valor para a burguesia somente enquanto está ligada a uma determinada escolha de princípios: para toda uma gama de categorias de trabalhadores do pensamento – professores, jornalistas, magistrados, como procuradores do Estado, etc. – é impossível desenvolver sua própria atividade sem externar convicções e princípios determinados em relação às diferentes classes e aos diversos partidos do Estado; e sua tarefa preliminar consiste precisamente na defesa e na justificação do estado de coisas existente. São pagos para isso, e só podem seguir essas carreiras os que participam dos princípios de seus “financiadores de capital” ou aceitam mudar seus princípios pelos deles. Desses defensores de profissão da exploração fazem parte dos trabalhadores da mente que, tendo a tarefa de extrair a mais-valia, como representantes dos capitalistas dentro do processo produtivo, encontram-se prejudicialmente em oposição aos operários.

Compreende-se assim que esses componentes da inteligência, enquanto eles mesmos são capitalistas, se distinguem de todos os outros que não estão interessados na exploração capitalista.

Não obstante, também existe na inteligência um círculo mais amplo de pessoas que, seja por não possuir propriedades ou por seus interesses profissionais, se vêem levadas a defender a exploração capitalista; e tampouco para elas é realmente fácil adotar uma atitude imparcial diante da luta do proletariado. Muitos delas estão ligados a classes possuidoras por diversos vínculos, de caráter social ou de parentesco, enquanto raramente existem vínculos do mesmo tipo entre a inteligência e o proletariado.

Recorde-se, finalmente, que a inteligência, exatamente enquanto classe privilegiada, não pode ter uma aversão natural pelo proletariado, que é inimigo de qualquer privilégio. Compreende-se, pois, que a massa da inteligência não adote diante da luta de classe entre capitalistas e proletariado a atitude de um espectador meramente imparcial, mas que tenda a inclinar-se para os primeiros.

Na maioria dos casos, contudo, sempre é menos partidária da classe mais diretamente ameaçada, isto é, da capitalista. No conjunto, dentro da luta de classe entre capitalistas e proletariado, esta se encontra aproximadamente na posição da pequena burguesia e dos camponeses, que não têm interesse algum na exploração capitalista, mas que mais freqüentemente se opõem a ela, mas também têm fortes interesses que os leva a se opor ao proletariado. Porém, a inteligência se distingue dessas duas classes sociais por seu horizonte intelectual mais aberto, pela aptidão para o pensamento abstrato mais desenvolvida e pela essência de uma unitariedade em seus interesses de classe.

Isso faz com que ela constitua o estrato social que chega mais facilmente a superar suas próprias limitações corporativas e de classe e a sentir-se idealmente acima dos interesses imediatos e particulares para compreender os interesses permanentes de toda a sociedade e constituir-se em sua representante. Isso é válido, em primeiro lugar, para os interesses da sociedade burguesa; mas precisamente o fato de representar os interesses gerais dessa sociedade a coloca em certa medida em contradição com a classe capitalista. Reconhece que a avidez cega de lucro dessa classe não só ameaça o proletariado, mas à sociedade inteira, enquanto leva à degeneração da população, provoca a decomposição de todas as classes conservadoras, ou seja, de todos os apoios mais sólidos da ordem existente, e amplia o proletariado, aumentando o seu descontentamento e tornando cada vez mais violentos os seus assaltos revolucionários. A partir do momento em que não participa diretamente da exploração exige que essa seja contida limitada a formas menos revolucionárias e destruidoras, vendo nisso o único meio de salvar a sociedade atual e de impedir a vitória do proletariado.

Foi a inteligência que deu vida ao socialismo de cátedra e ao partido da reforma social, que de acordo com as diversas situações políticas e sociais e com os distintos graus de compreensão adota as formas mais diversas, desde o socialismo de Estado até o culto da organização sindical e cooperativa, a nacionalização do solo, a moralização da luta de classe, etc.

O número de seguidores da “reforma social” nas fileiras da inteligência está em contínuo e rápido crescimento. Na medida em que se torna mais evidente a contradição entre a exploração capitalista e os interesses gerais da sociedade, vai se tornando cada vez mais imperiosa a exigência de uma limitação do superpoder capitalista por parte da própria sociedade burguesa, e mais impostergável a necessidade de se acolher pelo menos as demandas mais imediatas do proletariado no interesse da civilidade e da própria segurança das classes possuidoras. O proletariado se torna cada dia mais forte e é cada vez mais perigoso negar-lhe tudo, mesmo as demandas mais moderadas.

Na atualidade, tudo isso é tão conhecido que, entre os que estão diretamente interessados na exploração capitalista não há nenhum intelectual honesto e capaz de pensar de maneira autônoma que não acolha o ponto de vista da “política social”, ou seja, de que é necessário fazer “algo” pelos operários (ainda que, por outra parte, esse “algo” possa significar as mais diferentes coisas). Summ e Eugen Richter, o empresário autoritário-patriarcal e o manchesteriano, já não encontram na inteligência seguidores de valor algum. As acusações contra o capital e as simpatias pelo proletariado (se não pelo proletariado em luta, mas pelo menos pelo proletariado enquanto explorado) entraram na moda, e a frase de Harcourt, “Atualmente todos somos socialistas”, começa a ser aceita nesses ambientes. Na realidade, o que professam nossos poetas e pintores, nossos professores e

* Sir Willian George Harcourt (1827-1904): político inglês, um dos expoentes mais conhecidos da ala liberal gladstoniana (nota de Siglo Veintiuno).

jornalistas, nos bares e nos cafés, nas aulas e nos laboratórios, não é o socialismo proletário, mas uma espécie de socialismo que se assemelha, mal comparando, ao “verdadeiro” socialismo de que fala o *Manifesto*.

Eles declaram freqüentemente que aquilo que os separa da socialdemocracia é a brutalidade proletária, mas o que na realidade os mantém afastados dela não é o aspecto externo, mas ao contrário sua própria falta de caráter e de penetração intelectual. Mesmo quando vão além do ponto de vista limitado do capitalismo, contudo, não chegam a compreender a impossibilidade de salvar o ordenamento social atual e de frear a vitória do proletariado e sua impotência diante do curso do desenvolvimento social, ou então carecem da independência, da força e da coragem necessárias para reconhecer tudo isso e romper com a sociedade burguesa.

Neste último caso, naturalmente, qualquer propaganda se apresenta sem objetivo nem esperança: para que pensar em conquistar elementos que só podem constituir um peso morto para um partido em luta?

A coisa é diferente com os que não se mantêm afastados de nós por debilidade de caráter, mas por falta de clareza necessária. Esses são os que devem ser conquistados e vale a pena fazê-lo.

Mas para tal fim qual é o melhor caminho?

Há quem defenda que para conquistar os elementos da inteligência animados de sentimentos sociais seria conveniente relegar a um segundo plano as questões que nos separam deles e colocar em primeiro plano os aspectos positivos da política social; desse modo, a socialdemocracia e o partido da reforma social poderiam colaborar e se aproximar reciprocamente.

Certamente que ambos poderiam se aproximar, mas não seria o partido da reforma que viria até nós, mas nós é que iríamos até ele. Se deixarmos de exercer nossa crítica a ele, demonstrando sua insuficiência e insistindo em sua impotência, não faríamos outra coisa que reforçar, mediante a colaboração com a “reforma social”, precisamente aquelas ilusões que devemos destruir e daríamos a possibilidade de continuar no campo da “reforma social” a todos os elementos que de outro modo deveriam se acercar de nós sem condições. Aceitamos que também nós devemos combater pelas reformas sociais, mas se levamos adiante essa propaganda da política social sem a crítica necessária a essas colocações, se deixamos de mostrar que, se bem que essas demandas possam ser necessárias, sua consecução não mudará em nada os atuais antagonismos sociais, que só existe um caminho para chegar à “paz social”, a superação das classes, que a sociedade está condenada a ser derrubada e que nada pode evitar o colapso definitivo, se descuidamos de tudo isso, estamos trabalhando para o partido da reforma social, para os senhores Brentano, Flürscheim, Adolf Wagner e seus companheiros, mas não para a socialdemocracia. Quanto mais claramente mantenhemos o muro divisório entre nós e os partidários da reforma social e os “verdadeiros” socialistas, tanto mais clara se tornará a sua impotência, e os seus elementos mais valentes, sinceros e agudos se verão levados mais rápido a dar o último passo decisivo que ainda os separa de nós.

Nem todos os elementos da inteligência poderão dar abertamente um passo desse gênero. Os que se encontram numa situação econômica de independência, como, por exemplo, os médicos, os que não têm vocação para ganhar a vida como empregados do partido, como os jornalistas, seriam de pouca utilidade apesar de sua aberta declaração de adesão à nossa causa, o mais provável é que arruinem toda a sua posição pessoal. Não

temos nenhum interesse em criar existências falidas e não temos razão alguma para desejar que esses, nossos seguidores não-manifestos, se comprometam sem necessidade. As adesões que temos nos meios da inteligência são muito mais fortes do que permitem supor as aparências. Ali onde menos pensam os nossos adversários, temos seguidores, e quando chegar o momento em que precisaremos de todas as suas forças, à voz de “todos a seus postos de combate”, perceberão com horror que as suas fileiras foram dizimadas e que muitos com os quais contavam se encontram de nosso lado na batalha decisiva. Todas as medidas tomadas contra nós surtirão um só efeito: o de aumentar o ilusório sentimento de segurança em que descansam nossos adversários, favorecer o seu auto-engano e de tornar mais esmagador o seu colapso final.

OS ESTUDANTES

Porém, aqueles que podemos conquistar mais facilmente são os estudantes.

Objetou-se que não constituem uma profissão e em conseqüência não têm qualquer interesse de categoria ou de classe comum com os do proletariado. Mas, como sabemos isso é também válido para os graus mais elevados da inteligência, não obstante o que os distintos indivíduos que podem ser conquistados entre eles são mais acessíveis ao socialismo na medida em que sua visão está menos ofuscada por interesses materiais. Com maior razão pode-se aplicar isso aos estudantes, já que precisamente não estão ligados a profissão alguma, mas se encontram apenas numa etapa de preparação para as profissões.

Isso não quer dizer, naturalmente, que a totalidade dos estudantes esteja disponível para o socialismo. Assim como cantavam os velhos cantam os jovens, ainda que às vezes estes últimos cantem muito mais fortes do que cantavam os velhos em seu tempo. Muitos estudantes não podem se livrar de sua esfera burguesa, e seu ardor juvenil e seu desejo de ação, que noutras épocas os levavam a expressar com maior decisão e com maior arrojo a oposição política aos pais, os leva agora a superar os anciões na brutal e obtusa avidez de prazeres e no oportunismo.

Mas nem sequer o estudante “ideal”, entusiasta do socialismo, significa em todos os casos um ganho para nós. A própria circunstância de estar sem profissão, que o dispõe melhor a aceitar o socialismo, o torna menos digno de confiança. Não será estudante eternamente, cedo ou tarde chegará para ele a “idade da razão”, entrará na esfera dos interesses profissionais, totalmente novos para ele, e é necessário que suas convicções socialistas já estejam profundamente enraizadas e seu caráter seja firme e autônomo num grau superior à média, para que diante da eventual oposição entre sua convicção e seu interesse, não passe por cima da primeira ou pelo menos não a deixe desvanecer-se, passando dos “entusiasmos juvenis” à “prudência da maturidade”.

Na realidade, não se trata de um caso insólito. Isso, absolutamente, não muda o fato de que os elementos da inteligência que em geral podem ser conquistados para nosso partido o são mais facilmente como estudantes. Pode-se afirmar com certeza que entre os companheiros mais confiáveis, declarados ou não, provenientes da inteligência, 90% chegaram ao partido sendo estudante.

Se bem que seja importante, pois, conquistar os melhores elementos da inteligência para a nossa causa – coisa de cuja importância ninguém duvida –, não se pode menosprezar em nada o significado do movimento socialista dos estudantes.

Nosso partido está sumamente interessado em favorecer por todos os meios a difusão entre os estudantes do conhecimento de nosso movimento, e tem toda a razão para dar a melhor acolhida aos estudantes que desejam se unir a nós quando reúnem os requisitos que geralmente se exigem de um membro do partido.

Porém, seria um erro admitir sem mais, em qualquer atividade do partido, como aconteceu muitas vezes, qualquer estudante que chegue até nós. Em geral, a atividade partidária dos estudantes não é de utilidade nem para o partido nem para os próprios estudantes. Não é para o partido, na medida em que um estudante, pelo fato de ser superior em muitos conhecimentos aos operários, facilmente pode se impor a eles e ser utilizado imediatamente em tarefas para as quais lhe falta maturidade e experiência. Não é de utilidade para os estudantes, já que para eles colaborar na atividade do partido significa desligar-se de seu passado. E ao partido não interessa que um estudante faça depender toda a sua existência do partido antes de tê-lo conhecido suficientemente e antes de ter sido colocado à prova.

Os estudantes não devem participar da luta de classe do proletariado nem como mestres nem como combatentes, mas sim continuar aprendendo para serem logo capazes de contribuir nas atividades teóricas e levar adiante ao mesmo tempo os interesses do proletariado no campo de sua atividade profissional. Um empregado, por exemplo, frequentemente será mais útil atuando ocultamente. Eles devem chegar a nós não só para conhecer nossa literatura, mas também nosso movimento. Para alcançar a plena compreensão do socialismo não basta conhecer nossas teorias; tem-se que descer ao terreno da vida real e aprender a conhecer com seus próprios olhos o proletariado, e não o proletariado dos poetas “naturalistas”, o proletariado que vê o burguês quando perambula pelas ruas ou se diverte em locais públicos atendido por companhias femininas ou em lugares semelhantes. A maioria dos burgueses só vê o proletariado que trabalha e luta durante os passeios dominicais, quando não apresenta suas características peculiares.

Todavia, a juventude é uma idade cheia de energia e de dinamismo, e nossos melhores companheiros estudantes não se contentam exatamente em ver e ouvir, mas desejam trabalhar por sua causa. Se se quer evitar a sua participação prática na luta de classe do proletariado é necessário lhes dar outro campo de atividade. Nesse caso, nos parece que o campo mais próximo e mais apropriado de atividade é exatamente o dos estudantes. A quem recorrer, de fato, para aproximar dos estudantes a propaganda socialista senão aos próprios estudantes socialistas? Sua tarefa consiste em difundir entre seus companheiros os conhecimentos derivados do estudo e da reflexão individual e da relação com os companheiros mais experimentados do partido. A maneira de levar adiante essa propaganda (por meio de entrevistas individuais, em grupos mais ou menos abertos, com reuniões e assembléias, por meio de publicações específicas) depende naturalmente das diferentes situações locais. Não obstante, qualquer que seja a estrutura que se adote, não podemos considerar perigosa para nosso partido a formação de um movimento específico dos estudantes, mesmo que chegue desgraçadamente a constituir uma organização específica dos estudantes socialistas e a realizar congressos.

Isso não significa que não acreditamos que um movimento de estudantes não possa se tornar daninho em certos casos: mas, em algumas circunstâncias, que coisa se pode apresentar como daninha? Até mesmo o movimento sindical, o parlamentarismo e a imprensa. Quando o movimento proletário se apresenta débil e confuso e a seu lado existe um forte movimento de estudantes socialistas, este pode certamente chegar a liderar e a dominar o primeiro, e como na maioria dos casos os estudantes são pouco confiáveis e responsáveis, isso pode acarretar graves perigos e levar a experimentos desastrosos.

Todavia, na Alemanha e na maior parte dos demais países civilizados deve-se descartar o perigo de que um movimento de estudantes socialistas possa se impor ao proletariado ou pelo menos se tornar independente dele. Nosso movimento já é muito forte e autônomo para que um movimento socialista de estudantes possa representar algo mais do que um apêndice seu, que se leva às costas e que está sujeito a afundar nas areias movediças de uma maneira miserável à primeira tentativa de seguir seu próprio caminho. Recorde-se da rebelião de estudantes e de literatos liderada pelos “independentes”, pelos Hans Muller, Bruno Wille, Landaeur e companheiros.*

Em todo caso, a utilização dos companheiros estudantes para a propaganda entre seus colegas nos parece menos perigosa do que seu ingresso na atividade de partido propriamente dita. Em lugar de ser daninha, essa propaganda é altamente necessária para assegurar a um partido que se desenvolve tão rapidamente como o nosso, o necessário aumento de forças provenientes da inteligência, e temos toda a razão em fomentá-la, pelo menos enquanto não traga prejuízos a outros movimentos mais importantes: fomentá-la, mas sem alentarmos muitas ilusões sobre a possibilidade do êxito dessa propaganda.

Resumindo: na inteligência, como em todas as demais classes, existe um forte descontentamento que aumenta continuamente, se bem que não se possa esperar que esse leve a inteligência como classe à unificação com o proletariado, já que a característica dos trabalhadores do pensamento é a de não ter interesses de classe comuns, mas de reconhecer somente interesses de categoria, e já que como estrato social privilegiado está em oposição ao proletariado que, como classe submetida a todas as demais, deseja por sua natureza, acabar com todos os privilégios.

Porém, existem séries de profissões e de estratos sociais que crescem e se ampliam continuamente, em meio do caminho entre a inteligência e o proletariado, que caem da primeira para o segundo, perdendo cada vez mais sua posição de privilégio. Seus interesses decisivos coincidem com os do proletariado, o que lhes dá a possibilidade de participar da luta de classes, e cedo ou tarde a maioria delas passa a fazer parte do próprio proletariado, ainda que sem algumas dificuldades derivadas em parte de preconceitos tradicionais e em parte pela falta de independência.

Ao contrário, é tão pouco provável que se conquiste a aristocracia da inteligência, assim como a própria burguesia; dessa esfera, só podemos atrair para nós indivíduos isolados, o que, sem embargo, é mais fácil no caso da inteligência do que dos industriais, dos comerciantes e semelhantes, pois salvo exceções seus membros não participam diretamente da exploração do proletariado, e, por sua própria profissão, têm um grau mais desenvolvido de capacidade intelectual, o que facilita o conhecimento do processo de desenvolvimento necessário para a nossa sociedade, que os membros das demais classes, cujos interesses de classe não coincidem com as exigências desse desenvolvimento.

Porém, aqueles que no seio da inteligência estão mais dispostos ao entusiasmo pelo socialismo são os estudantes. Na medida em que nossa propaganda abarque a inte-

* Hans Muller, Bruno Wille e Gustav Landaeur foram, juntamente com Paul Kampfmeyer e Paul Ernst, os principais porta-vozes de um movimento de oposição interna ao Partido Socialdemocrata que se estruturou particularmente em cidades como Dresden, Magdeburgo e sobretudo Berlim, em 1890, imediatamente depois do final das leis anti-socialistas. O movimento chamado dos “jovens”, a propósito do qual Engels falou de uma “rebelião dos literatos e dos estudantes” se opunha ao “lassismo” e ao “oportunismo” dos “velhos” da fração parlamentar e da direção do partido. A tendência teve uma breve vida; em alguns de seus expoentes, como o escritor Landauer, sob cuja direção se formou uma “liga dos socialistas independentes”, adquiriu tintas obreiristas e anarquistas (nota de Siglo Veintiuno Editores).

ligência, terá valor, antes de tudo, para os estudantes. O bom é que essa seja realizada pelos próprios estudantes já conquistados para o partido, que na medida em que se propõem desenvolver uma atividade propagandística, não devem se incorporar ao movimento proletário, mas militar seus próprios meios.

LEON TRÓTSKI

A INTELLECTUALIDADE E O SOCIALISMO*

Há dez anos, ou até mesmo há seis ou sete, os partidários da escola subjetivista de sociologia russa (os socialista-revolucionários) poderiam ter utilizado com êxito para a sua causa o último folheto do filósofo austríaco Max Adler. Mas nos últimos cinco ou seis anos passamos para uma escola sociológica tão solidamente objetiva, em que suas lições deixaram em nosso corpo cicatrizes tão expressivas, que nem a mais eloqüente exaltação da intelectualidade, ainda que venha da pluma “marxista” de Max Adler, pode salvar o subjetivismo russo. Ao contrário, o destino dos próprios subjetivistas russos é um sério argumento contra as afirmações e as conclusões de Max Adler.

Tema do folheto: relações entre a intelectualidade e o socialismo. Para Adler tal tema não é só matéria de análise teórica, mas uma questão de consciência. Quer nos convencer disso. Nesse folheto, nascido de um discurso pronunciado diante e um auditório de estudantes socialistas, Adler mostra uma ardente convicção. O espírito de proselitismo penetra esse pequeno livro, imprimindo um selo particular inclusive a idéias que não podem ser tomadas como novidade. O afã político de atrair a intelectualidade para os ideais do autor, de conquistá-la para o socialismo, custe o que custar, predomina totalmente em Adler sobre a análise social, imprimindo a esse folheto seu tom particular e determinando suas partes fracas.

O que é a intelectualidade? Naturalmente, Adler não dá uma definição moral deste conceito, mas sim social: não é uma ordem coesa pela unidade de um voto histórico, mas uma camada social que se espalha por todos os gêneros de profissões intelectuais. Por mais difícil que seja traçar uma linha divisória nítida entre trabalho “manual” e “intelectual”, os traços sociais gerais da intelectualidade aparecem claros sem a necessidade de minuciosas investigações ulteriores. Trata-se de toda uma classe, Adler diz “grupo interclassista”, mas isso, em essência, é o mesmo – no marco da sociedade burguesa. E a questão, para Adler, se coloca assim: quem ou o quê tem mais direito à alma dessa classe? Que ideologia lhe é internamente obrigatória em virtude do próprio caráter de suas funções sociais? Adler responde: o coletivismo. Mas o fato é que a intelectualidade euro-

* Publicado em 1910 na revista russa mensal de tendência marxista, *Sovremennyi Mir*. Trótski estava exilado na Áustria e critica com esse texto o livretinho *O socialismo e os intelectuais*, publicado pelo austromarxista Max Adler, em 1910. Traduzido de “La intelectualidad y el socialismo”, disponível em <http://www.nodo50.org/internacionalistas>, cotejado com a versão francesa, “Les intellectuels et le socialisme”, disponível em <http://www.marxists.org/>. Tradução: Antonio Roberto Bertelli.

péia, no melhor dos casos, quando não é abertamente hostil às idéias do coletivismo, está à margem da vida e da luta das massas operárias, as quais não lhe causam nem frio nem calor. Adler não fecha os olhos para esse fato: “Mas, diz ele, não pode ser, não há suficientes fundamentos objetivos para que tenha que ser assim!”. Adler se manifesta decididamente contra os marxistas que negam a existência de condições gerais suscetíveis de determinar a afluência maciça de intelectuais para o socialismo. Escreve ele no “Prefácio”, “existem suficientes razões – provenientes de outros meios e não só da área econômica – e todas elas podem influir no conjunto dos intelectuais, todas elas (para além de suas condições proletárias de vida) são motivo para se somar ao movimento operário socialista, sempre e quando se lhes faça ver a essência desse movimento e sua própria posição social” (p. 7). Independentemente de sua atual fisionomia político-partidária (posto que isso só é o meio!), o socialismo, por sua própria essência, como ideal social universal, significa a liberação de todos os gêneros de trabalho intelectual de quaisquer limitações e travas histórico-sociais. Essa terra prometida é a ponte ideológica pela qual a intelectualidade europeia pode e deve passar para o campo da socialdemocracia.

Tal é o ponto de vista central de Adler, e o seu folheto é completamente dedicado a seu desenvolvimento. O vício essencial desse ponto de vista aparece imediatamente: sua a-historicidade. De fato, esses fundamentos gerais em que se apóia Adler para a passagem da intelectualidade para o campo do coletivismo, atuam tenazmente e há muito tempo. Contudo, em nenhum dos países europeus há afluência maciça da intelectualidade para a socialdemocracia. Naturalmente Adler vê isso com a mesma clareza que nós. Mas ele nos propõe ver a razão de que a intelectualidade permaneça totalmente afastada do movimento operário no fato de que a ela não compreende o socialismo. Na verdade, isso é correto. Mas em tal caso, como se explica tão obstinada incompreensão, ao lado da compreensão de outras tantas coisas sumamente complexas? A coisa é clara: não pela debilidade da lógica teórica da intelectualidade, mas pela força dos momentos irracionais de sua psicologia classista. O próprio Adler se refere a isso, e o capítulo “Bürgerliche Schranken des Verständnisses” [Os limites da forma de compreensão da burguesia] é um dos melhores do folheto. Mas ele considera, tem a esperança, está convencido – e aqui o pregador domina o teórico – de que a socialdemocracia europeia vencerá os momentos irracionais da psicologia dos trabalhadores intelectuais se ela mesma reestruturar a lógica das palavras de ordem que dirige a eles. A intelectualidade não compreende o socialismo, pois este, dia após dia, lhe aparece como a prosaica fisionomia de partido político, um a mais entre tantos outros. Mas se o socialismo lhe apresentasse a sua verdadeira face, como movimento cultural universal, a intelectualidade poderia pelo menos reconhecer nele suas melhores esperanças e aspirações. Assim pensa Adler.

No momento, não vamos examinar se na realidade as puras exigências da cultura (do desenvolvimento da técnica, da ciência, da arte) são mais poderosas para a intelectualidade como classe do que as sugestões de classe da família, da escola, da Igreja, do Estado e, finalmente, do que a voz das inclinações lucrativas. Mas até mesmo se admitimos condicionalmente ver na intelectualidade, antes de tudo, uma corporação de sacerdotes da cultura, os quais não souberam, simplesmente, compreender até hoje que a ruptura socialista com a sociedade burguesa é o modo supremo de servir aos interesses da cultura; mesmo admitindo isso, permanece fortemente de pé a seguinte questão: pode a social-democracia europeia, como partido, propor à intelectualidade, no aspecto teórico e moral, algo mais demonstrativo, ou mais sedutor, do que até agora lhe ofereceu?

Já há vários decênios o coletivismo enche o mundo inteiro com o fragor de sua luta. No transcurso desse tempo, milhões de operários se agruparam em organizações

políticas, sindicais, cooperativas, educativas e outras. Toda uma classe se levantou do fundo de sua existência e irrompeu no mais sagrado dos santuários, na política, considerada até então o domínio das classes possuidoras. Dia após dia a imprensa socialista – teórica, política, sindical – revisa os valores burgueses, grandes e pequenos, sob o prisma do mundo novo. Não há uma só questão da vida social (casamento, família, educação, escola Igreja, exército, patriotismo, saúde pública, prostituição), em relação à qual o socialismo não tenha oposto suas concepções às da sociedade burguesa. O socialismo se expressa em todos os idiomas da humanidade civilizada. Em suas fileiras trabalham e lutam pessoas de diversas formações intelectuais, de distintos temperamentos, de diferentes passados, com relações sociais e hábitos variados. E, assim, apesar de tudo isso, a intelectualidade “não compreende” o socialismo se tudo o que foi exposto não for suficiente para lhe dar a possibilidade de infundir-lhe a decisão de compreender o significado do movimento mundial, não procede chegar à conclusão de que as causas dessa incompreensão fatal devem ser muito fundas, e que é ilusório, por essência, a tentativa de superá-las mediante a argumentação teórica?

Tal idéia aparece ainda mais clara à luz da referência histórica. A afluência mais ampla de intelectuais para o socialismo se deu no primeiro período da existência do partido, quando ainda estava iniciando. Assim foi em todos os países europeus. Essa primeira onda trouxe consigo os teóricos e políticos mais eminentes da Internacional. Quanto mais a socialdemocracia cresceu, quanto mais as massas operárias se agruparam em torno dela, tanto mais debilmente – de maneira não absoluta, mas relativa – se deu o fluxo de elementos frescos da intelectualidade. O *Leipziger Volkszeitung** buscou infrutiferamente, recorrendo a anúncios em jornais, um redator com títulos acadêmicos. Do que se impõe, por si mesma, uma conclusão contra Adler: quanto mais definitivamente o socialismo exteriorizou seu conteúdo, quanto mais acessível se fez para todos e cada um a compreensão de sua missão histórica, tanto mais decididamente a intelectualidade se afastou dele. Isso não quer dizer que o socialismo a assustou por si mesmo; parece evidente que nos países capitalistas da Europa se deram determinadas mudanças sociais profundas que dificultaram tanto a confraternização de acadêmicos e operários como facilitaram a comunicação dos operários com o socialismo.

De que tipos foram essas mudanças?

Do seio do proletariado chegaram, e continuam chegando, à socialdemocracia os indivíduos, os grupos e as camadas mais inteligentes. O crescimento e a concentração da indústria e do transporte nada mais fizeram do que acelerar esse processo. Com a intelectualidade se dá um processo de ordem totalmente diferente. O poderoso desenvolvimento capitalista dos últimos decênios se apropria, sem apelação, da elite dessa classe. As forças intelectuais mais bem dotadas, com imaginação e iniciativa, são absorvidas pela indústria capitalista – *trust*, empresas ferroviárias, bancos – que paga o trabalho de organização com somas exorbitantes. Inclusive para serviços do Estado não restam mais do que exemplares de segunda categoria; os escritórios governamentais, não menos que as redações dos jornais de todas as tendências, queixam-se da insuficiência de “pessoal”. Restam os representantes da intelectualidade semiproletária, sempre aumentando, incapazes de escapar de uma existência eternamente dependente e insegura no aspecto material. Dado que o grande mecanismo da cultura desempenha funções parciais secundárias

* Jornal socialdemocrata alemão [esta nota e as que se seguem estão disponíveis no *site* <http://www.marxists.org/> (Nota do tradutor)].

e pouco atrativas, os interesses culturais puros a que Adler apela não podem ter sobre eles o poder suficiente para, por si sós, induzir suas simpatias políticas para com o socialismo.

Ao exposto se soma a circunstância de que para o intelectual europeu, cuja passagem ideológica para o campo do socialismo não está excluída, quase não existem esperanças de se realizar com uma influência pessoal nas fileiras do proletariado. E essa questão tem aqui relevância decisiva. O operário passa para o socialismo como partícula da totalidade, junto com sua classe, da qual não tem esperança de sair. Nele já existe a satisfação por sua ligação moral com a massa, laço que se torna mais forte e seguro. O intelectual adere ao socialismo rompendo seu cordão umbilical classista – adere como indivíduo, como personalidade – e inevitavelmente busca a ascensão pessoal. Mas aqui depara com obstáculos que irão crescendo com o tempo. Cada neófito, na atualidade, já encontra construído nos países da Europa ocidental o colossal edifício da democracia operária. Milhares de líderes operários, segregados automaticamente por sua classe, formam um aparato compacto, a cuja cabeça se encontram honoráveis veteranos, autoridades reconhecidas, figuras que já são históricas. Somente a pessoa excepcionalmente dotada pode esperar, nessas condições, conquistar um posto dirigente, mas tal indivíduo, no lugar de saltar por cima de um abismo de um acampamento que lhe é estranho, seguirá naturalmente a linha da menor resistência, que o leva ao reino da indústria ou ao serviço do Estado. Portanto, na atualidade temos como barreira entre a intelectualidade e o socialismo, somando-se a todo o resto, o próprio aparato da organização socialdemocrata. Esse aparato provoca contra ele o descontentamento da intelectualidade colorida de socialismo – da qual exige disciplina e autolimitação – seja por “oportunismo”, seja, ao contrário, por seu excessivo “radicalismo”, e a condena ao papel de espectador resmungão, cujas simpatias oscilam entre o anarquismo e o nacional liberalismo. *Simplicissimus* é a sua suprema bandeira ideológica. O fenômeno se repete, com variantes e graus diversos, em todos os países europeus. Além de tudo, esse público é muito caprichoso, e poderia se dizer que muito cínico, para que o esclarecimento patético da essência cultural do socialismo possa conquistar sua alma. São raros os “ideólogos” – tomando este termo no bom e no mau sentido – que são capazes de chegar às convicções socialistas estimulados pelo puro pensamento teórico, partindo das exigências do direito, como Anton Menger,^{**} ou das necessidades da técnica, como Atlanticus.^{***} Mas inclusive esses não ingressam, no geral, na socialdemocracia, e a luta de classes do proletariado, em sua conexão interna com o socialismo, continua sendo para eles um livro guardado sob sete chaves.

Adler tem toda a razão no que se refere ao fato de que não é possível atrair a intelectualidade para o coletivismo com o programa das reivindicações materiais imediatas. Mas isto não significa que seja possível atrair a intelectualidade, tomada em seu conjunto, por algum outro meio, nem que os interesses materiais imediatos e as conexões classistas da intelectualidade não possam resultar mais convincentes para ela do que todas as perspectivas histórico-culturais do socialismo.

Se se exclui a camada da intelectualidade que serve diretamente às massas operárias – médicos dos meios operários, advogados sindicais, etc. (que no geral são os representantes menos salientes dessas profissões) a parte mais relevante e influente da intelectualidade vive às custas do lucro industrial, da renda agrária e do orçamento estatal, encontrando-se em situação de subordinação direta ou indireta às classes capitalistas

* Jornal satírico editado em Munique.

** Jurista austríaco.

*** Pseudônimo de Karl Bellod, economista germano-letão.

ou ao Estado capitalista. Considerada abstratamente, essa dependência material exclui somente a ação política combativa nas fileiras inimigas, sem excluir ainda a liberdade espiritual a respeito das classe dos escravizadores. Mas na prática não acontece assim. Precisamente o caráter “espiritual” do trabalho da intelectualidade estabelece inevitavelmente laços espirituais entre ela e a classe possuidora. Os diretores de fábricas e os engenheiros que assumem obrigações administrativas se encontram necessariamente em permanente antagonismo com os operários, contra os quais se vêem obrigados a defender os interesses do capital. É evidente que suas noções e concepções acabam finalmente por se adaptarem a essas funções. O médico e o advogado, apesar do caráter mais independente de seu trabalho, necessitam inevitavelmente do contato psicológico com sua clientela. Se o electricista pode, dia após dia, instalar linhas elétricas nos apartamentos dos ministros, dos banqueiros e de suas amantes, e continuar sendo ele mesmo, muito diferente é o caso do médico que deve encontrar em sua alma e em sua voz as notas que harmonizem com as simpatias e costumes dos ministros, dos banqueiros e de suas amantes. E esse contato não só se instaura forçosamente nas altas esferas da sociedade burguesa. As sufragistas londrinas, quando necessitam de um advogado que as defenda, convidam um que seja sufragista. O médico que trata das esposas dos oficiais de Berlim, ou dos comerciantes “social-cristãos” de Viena, o advogado que defende os assuntos de seus pais, irmãos e maridos, não podem facilmente se permitir o luxo de interessar-se pelas perspectivas culturais do coletivismo. Tudo isso se estende aos escritores, pintores, escultores, artistas de maneira não tão direta e imediata, mas não menos inelutável. Apresentam ao público suas obras ou sua personalidade, dependem de sua aprovação e de seu bolso e – de forma aberta ou não subordinam sua criação ao “grande monstro” que desprezam: a turba burguesa. O destino dos “jovens” alemães – que entre parênteses já estão todos calvos – é a melhor prova disso. O caso de Gorki,* explicável pelas condições da época de sua formação, é a exceção que confirma a regra: a incapacidade de Gorki para se adaptar à degeneração anti-revolucionária da intelectualidade o privou, em curto prazo, de sua “popularidade”.

Aqui, de novo, aparece a profunda diferença social entre as condições do trabalho manual e as do intelectual. O trabalho manual escraviza os músculos, esgota o corpo, mas é impotente, não obstante, para submeter o pensamento dos operários. Todas as medidas de controle sobre ele – tanto na Suíça como na Rússia – foram infrutíferas. O trabalhador intelectual é incomparavelmente mais livre do ponto de vista físico. O escritor não está obrigado a se levantar ao toque da sirene, o médico não tem um vigilante às suas costas, os bolsos do advogado não sofrem revistas ao sair do tribunal. Mas se não têm que vender sua força de trabalho bruta, a tensão de seus músculos, ao contrário se vêem obrigados a vender toda a sua personalidade humana, não pelo temor, mas pela consciência. E, em conclusão, eles mesmos não querem, e não podem reconhecer que seu fraque profissional nada mais é do que um uniforme de presidiário bem cortado.

Finalmente, parece que nem o próprio Adler está satisfeito com sua fórmula abstrata – e no fundo, idealista – da relação recíproca entre intelectualidade e socialismo. Em sua própria propaganda não se dirige, em substância, à classe dos trabalhadores intelectuais cumpridores de determinadas funções na sociedade capitalista, mas à geração dos jovens dessa classe que somente está na fase de se preparar para seu futuro papel: os estudantes. Mostra isso não só a dedicatória de seu livrinho à “União Livre dos Estu-

* Simpatizante da socialdemocracia russa e particularmente dos bolcheviques àquela época, o escritor Maximo Gorki teve que se exilar após a repressão à revolução de 1905.

dantes Socialistas de Viena”, mas o próprio caráter do folheto-discurso, seu tom patético, agitativo e de sermão. Não tem sentido, inclusive, apresentar semelhante discurso diante de um auditório de professores, escritores, advogados, médicos... Engasgaria-se nas primeiras palavras. Por conseguinte, o próprio Adler, em função direta do material humano com o qual tem que operar, limita sua tarefa; o político corrige a fórmula do teórico: trata-se, finalmente, da luta por influenciar os estudantes.

A universidade é a última etapa organizada da educação estatal dos filhos das classes possuidoras e dominantes, da maneira análoga como o quartel é a instituição final da educação da jovem geração de operários e camponeses. A caserna educa nos hábitos psicológicos de subordinação e disciplina necessários às funções sociais próprias dos subalternos. A universidade prepara, em princípio, para funções de administração, direção e dominação. Desse ponto de vista, inclusive as corporações estudantis alemãs constituem uma instituição classista original, criadora de tradições que liga os pais aos filhos, fortalecem o espírito nacional, inculcam hábitos necessários ao meio burguês, e, finalmente, abastecem de cicatrizes no nariz ou sob a orelha, como marcas identificadoras da raça dominadora. Para o partido de Adler, o material humano que passa pela caserna é incomparavelmente mais importante, vê-se do que aquele que passa pela universidade. Mas em determinadas condições históricas – nas condições, precisamente, de rápido desenvolvimento industrial, que proletariza a composição social do exército, como acontece na Alemanha – o partido pode todavia dizer: “No quartel não me meto: me basta acompanhar o jovem operário até a entrada do quartel e, sobretudo, recebê-lo quando de novo ultrapassar suas portas licenciado. Não me abandonará, será meu.” No que diz respeito à universidade, o partido, se quer realizar um trabalho próprio para influir na intelectualidade, tem que dizer exatamente o contrário: “Só aqui, só agora, quando o jovem se emancipou até certo ponto de sua família, e quando ainda não é prisioneiro de sua situação social, posso atraí-lo para minhas fileiras. Agora ou nunca.”

Nos operários, a diferença entre “pais” e “filhos” é simplesmente de idade. Na intelectualidade, além da idade é social. O estudante, em contraste com seu pai, e em contraste com o jovem operário, não cumpre nenhuma função social, não age sobre ele a dependência imediata do capital ou do Estado, e, pelo menos, objetivamente, senão subjetivamente, está livre para discernir o bem do mal. Nesse período tudo se agita nele, seus preconceitos classistas estão ainda tão pouco formalizados que suas inclinações ideológicas, os problemas de consciência se lhe apresentam com uma força especial, seu pensamento de abre, pela primeira vez, para grandes generalizações científicas, e para ele o extraordinário é quase uma necessidade fisiológica: se o coletivismo é capaz, em geral, de conquistar sua consciência, é agora, e precisamente pelo nobre caráter científico de sua fundamentação e o conteúdo cultural universal de seus objetivos, e não como questão prosaica de “garfo e faca”. Neste último aspecto, Adler tem plena razão.

Mas também aqui nos vemos obrigados, uma vez mais, a nos deter diante dos simples fatos. Não somente a intelectualidade européia, em seu conjunto, mas seu rebento estudantil, não mostra, decididamente, inclinação alguma pelo socialismo. Entre o partido operário e a massa estudantil há uma muralha. Explicar esse fato somente pelos defeitos da propaganda, que não sabe abordar a intelectualidade pelo lado conveniente – explicação em que Adler se perde – significa ignorar toda a história das relações recíprocas entre estudantes e “povo”, equivale a ver nos estudantes uma categoria intelectual e moral e não um produto histórico-social. É certo que a dependência material da sociedade burguesa não se expressa nos estudantes senão de maneira indireta, por meio da família, e, portanto, debilmente. Mas, ao contrário, nos estudantes se refletem com toda

força, exatamente como uma câmara de ressonância, os interesses e aspirações sociais gerais das classes nas quais é recrutado. No curso de toda a sua história – tanto em seus melhores momentos heróicos, como nos períodos de completa fragilidade moral – os estudantes europeus não foram mais do que o barômetro sensível das classes burguesas. Tornaram-se ultra-revolucionários, confraternizaram-se sincera e honradamente com o povo, quando a sociedade burguesa não tinha outra saída a não ser a revolução. Substituíram de fato a democracia burguesa quando a mesquinhez política desta última não a permitiu se colocar à frente da revolução, como aconteceu em Viena, em 1848. Mas os estudantes metralharam os operários em junho do mesmo ano de 1848, em Paris, quando a burguesia e o proletariado se viram em lados opostos da barricada. Depois das guerras bismarkianas, da unificação da Alemanha e do apaziguamento das classes burguesas, o estudante alemão se apressou em amoldar-se nessa figura, transbordante de cerveja e vaidade, que junto com a do oficial prussiano ilustra permanentemente as páginas satíricas. Na Áustria, o estudante se converteu em representante do exclusivismo nacional e do chovinismo, ao compasso do agravamento da luta das diversas nações desse país para ganhar influência no poder estatal. E é indubitável que em todas essas metamorfoses históricas, incluindo as mais repelentes, os estudantes revelaram sentido político, capacidade de sacrifício e idealismo combativo: essas qualidades com as quais tão energeticamente Adler conta. Começando, ainda que somente porque o filisteu normal dos anos trinta e quarenta não arriscava a desfiguração de seu rosto pela problemática noção de “honra”, coisa a que seu filho se lançará com paixão. Os estudantes ucranianos e poloneses mostraram recentemente em Liov’ não só que sabem levar cada tendência nacional e política até as suas últimas conseqüências, mas sacrificar-se diante das balas. No ano passado os estudantes alemães de Praga” estavam dispostos a enfrentar todas as violências da multidão, manifestando-se nas ruas pelo seu direito de ter organizações alemãs. Aqui o “idealismo” combativo – com freqüência puro machismo – não é característico da classe nem da idéia, mas da idade. Ao contrário, o conteúdo político desse idealismo é determinado integralmente pelo gênio das classes de que o estudantado procede e às quais retorna. Isso é natural e inevitável.

Depois de tudo, dado que todas as classes possuidoras enviam os seus filhos para a universidade, se os estudantes se convertessem aqui em tábula rasa, sobre a qual o socialismo pudesse escrever os seus títulos, o que restaria, então, da herança classista e do pobre determinismo histórico?

Em conclusão, resta por esclarecer um aspecto do problema que fala tanto contra Adler como a seu favor.

Segundo sua opinião é possível atrair a intelectualidade para o socialismo, mas somente colocando em primeiro plano o objetivo final do movimento em todas as suas dimensões. Mas Adler reconhece, como é lógico, que o objetivo final se configura mais clara e plenamente na medida em que se opera a concentração da indústria, a proletarianização das camadas médias, a aprofundamento dos antagonismos de classe. Independentemente da vontade dos líderes políticos e da diferença de tática nacional, o “objetivo final” aparece incomparavelmente mais nítido e direto na Alemanha do que na Áustria ou na Itália. Mas esse mesmo processo social – a acentuação da luta entre o trabalho e o capital – dificulta para a intelectualidade a sua passagem para o lado do partido do trabalho. As

* Cidade da Ucrânia ocidental, então pertencente ao império austro-húngaro com o nome de Lemberg.

** Nas cidades tchecas, então sob o domínio austríaco, o movimento nacional renascente se esforçava por afastar a presença germânica sob todas as formas.

pontes entre as classes permanecem destruídas e tem-se que saltar o fosso que se aprofunda cada dia mais. Portanto, paralelamente às condições que facilitam objetivamente a penetração teórica na essência do coletivismo, aumentam os obstáculos sociais para a união política da intelectualidade com o exército socialista. A passagem para o socialismo em todo país avançado, de intensa vida social, não é um ato especulativo, mas sim político, e a vontade social domina aqui sem meios termos sobre a razão teórica. Isso significa que, em última instância, hoje é mais difícil ganhar a intelectualidade do que ontem; e amanhã será mais difícil do que hoje.

Porém, esse processo contém sua “ruptura de continuidade”. A atitude da intelectualidade a respeito do socialismo, caracterizada por nós como afastamento crescente no compasso do crescimento do próprio socialismo, pode e deve modificar radicalmente como resultado de uma virada política objetiva que modifique de maneira fundamental a correção de forças sociais. Nos postulados de Adler está correto, de qualquer forma, a afirmação de que a intelectualidade não está interessada, de forma direta e incondicional, na conservação da exploração capitalista, mas indiretamente, por meio das classes burguesas, na medida em que depende materialmente delas. Poderá passar para o lado do coletivismo se obtivesse a possibilidade de contar com a veracidade da sua vitória imediata, se surgisse diante dela não como o ideal de outra classe, alheio, mas sim como uma realidade próxima, palpável; finalmente – e essa não é a menor das condições – se a ruptura política com a burguesia não ameaça a cada trabalhador intelectual com graves conseqüências materiais e morais. Para a intelectualidade européia tais condições não podem ser criadas a não ser pelo poder político da nova classe social; de maneira parcial podem ser criadas já na fase de luta direta e imediata por esse poder. Seja qual for o afastamento da intelectualidade européia das massas operárias – e esse afastamento irá aumentando, particularmente nos países capitalistas mais jovens, como a Áustria, Itália, os países bálticos, etc. – é verossímil que na época da reestruturação social a intelectualidade passe antes que outras classes médias para as fileiras dos partidários do novo regime. Nesse aspecto lhe prestarão um grande serviço as qualidades sociais que a distinguem da pequena burguesia comercial-industrial e do campesinato; sua conexão profissional com os ramos culturais do trabalho social, sua capacidade para as generalizações teóricas, a flexibilidade e agilidade de seu pensamento, numa palavra, sua intelectualidade. Colocada diante do fato inelutável da passagem de todo o aparato social para novas mãos, a intelectualidade européia saberá se convencer de que todas as condições criadas não só não a lançam ao abismo, mas, ao contrário, abrem possibilidades ilimitadas para a aplicação de suas forças técnicas, organizativas e científicas; saberá destacar de seu seio essas forças, já no primeiro período, o mais crítico, quando o novo regime tem que vencer grandes dificuldades técnicas, sociais e políticas.

Porém, se a própria conquista do aparato social dependesse da prévia adesão da intelectualidade ao partido do proletariado europeu, então as coisas não iriam muito bem para a causa do coletivismo. Como nos esforçamos por mostrar, a passagem da intelectualidade para o lado da socialdemocracia, nos quadros do regime burguês, se torna – em oposição às esperanças de Max Adler – tanto menos possível quanto mais tempo passar.